

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Departamento de Ciências Sociais

Bacharelado em Ciências Sociais

VIOLÊNCIA E PODER SEGUNDO O PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

João José Angeiras Alves

RECIFE
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Departamento de Ciências Sociais

Bacharelado em Ciências Sociais

VIOLÊNCIA E PODER SEGUNDO O PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

João José Angeiras Alves

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof. Dra. Alessandra Uchôa Sisnando.

RECIFE
2019

VIOLÊNCIA E PODER SEGUNDO O PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

Monografia aprovada em ____/_____/2019, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, por todos os membros da Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Alessandra Uchôa Sisnando, Orientadora

Nota _____

Prof. Dr. José Carlos Gomes Marçal Filho

Nota _____

Prof. Dr. Felipe Arruda Sodré

Nota _____

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer minha família, minha avó Célia Angeiras e minha irmã Nélia Angeiras, e em especial minha mãe Rosemary Angeiras, que sempre esteve do meu lado para puxar minha orelha, me dar bons conselhos e não medir esforços para garantir uma boa educação, sempre me dando amor incondicional, e que todas sempre me impulsionaram para os estudos, sempre estiveram do meu lado para auxiliar em qualquer questão e que sem nenhum auxílio masculino me transformaram em um elemento produtivo na sociedade.

Aos meus animais de estimação, Futrica, Flora e Abel, por sempre me acompanharem nas madrugadas, me fazendo companhia e me distraindo, parando um pouco os trabalhos para brincar com eles.

Agradeço a Janderlan Araujo, pelos vários conselhos, dicas de filmes e por sempre me apoiar nas empreitadas das aulas.

Agradecimento a Isis Santana e Carolina Lins minhas inseparáveis companheiras de viagem que dividiram aventuras maravilhosas na Colômbia.

Agradeço a Priscilla Falcão, por sempre me aconselhar e prover muitas palavras de apoio para prosseguir no caminho acadêmico.

Aos meus companheiros de RPG que me proporcionaram fugas, combates e diversões em mundos além desse que sem dúvida aliviaram e muito a carga de stress da universidade.

A minha orientadora, professora Alessandra, por me guiar, me dar apoio e confiança, pelo empenho dedicado na elaboração desse trabalho, pela paciente revisão e colaboração e que com certeza me deu mais segurança sobre o assunto escolhido.

A Eduardo que sempre esteve presente para ajudar na informação e resolução dos mais variados assuntos burocráticos

A Universidade, a todo o corpo docente do DECISO e à Assessoria de Cooperação Internacional, que me proporcionou a oportunidade de estudar em outro país, ampliando meus horizontes e melhorando meu idioma.

A Universidad Nacional de Colombia por me receber de braços abertos e me proporcionar uma grande relação intercultural.

“Todas as instituições políticas são manifestações e materializações do poder; elas petrificam-se e decaem tão logo o poder vivo do povo deixa de sustenta-las”

(Hannah Arendt)

RESUMO

O trabalho tem por objetivo acompanhar o modo como Hannah Arendt entende e dialoga seu pensamento sobre Violência e Poder e como esses assuntos diferem de outros autores das ciências sociais e como alguns autores tem uma atração pela violência e a incentivam, também utilizando a visão de autores que tornaram-se clássicos como e como esses estudos auxiliaram o entendimento de como o assunto é amplo nas ciências humanas, perceber como o uso das palavras pode afetar nosso entendimento sobre os temas e seu significado sobre determinados conceitos e entender como a sofisticação da tecnociência auxilia a incrementação dos meios de violência. A ciência incrementa o poder humano, porém amplia seus defeitos, ou surge deles, o progresso e o genocídio andam lado a lado. Onde eram necessários *pogroms* para erradicar uma população local indesejada, um simples apertar de botão ou girar de chave pode realizar o trabalho, a violência de hoje supera e muito o que pensavam os clássicos autores de ficção, e o mais chocante o melhoramento da técnica do assassinato afasta o autor do ato, reduzindo-o a um mero acontecimento burocrático. O pensamento de Arendt vai na contramão, é um pensamento que quebrou os conceitos pré-estabelecidos e engessados no pensamento político sobre o poder e a violência e revitalizou dando um sentido completamente diferente e digno de ser aprofundado.

Palavras-chave: Hannah Arendt. Violência. Poder. Tecnociência. Burocracia.

ABSTRACT

The paper aims to follow the way Hannah Arendt understands and discusses her thinking about Violence and Power and how these subjects differ from other authors of the social sciences and how some authors have an attraction for violence and encourage it, also using authors' views which have become classics as and how these studies aided understanding of how broad the subject is in the human sciences, perceive how the use of words can affect our understanding of the themes and their meaning about certain concepts, and understand how the sophistication of technoscience assists the increase of the means of violence. Science increases human power, but widens its defects, or arises from them, progress and genocide go hand in hand. Where pogroms were needed to eradicate an unwanted local population, a simple push of a button or turnkey can do the job, today's violence far outweighs what classic fiction writers thought, and the more shocking the improvement of murder removes the author from the act, reducing it to a mere bureaucratic event. Arendt's thinking goes the opposite way, it is a thought that broke the pre-established and embedded concepts in political thinking about power and violence and revitalized giving a completely different meaning and worthy of being deepened.

Keywords: Hannah Arendt. Violence. Power. Technoscience. Burocracy

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	AS PALAVRAS E SEUS SIGNIFICADOS ARENDTIANOS.....	12
3	PODER E VIOLÊNCIA.....	17
	<i>3.1 As várias faces da violência.....</i>	<i>17</i>
	<i>3.2 A Hegemonia da Violência no Poder.....</i>	<i>28</i>
	<i>3.3 A Banalidade do mal e a Burocracia.....</i>	<i>39</i>
4	A TÉCNICA APLICADA A VIOLÊNCIA.....	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
6	REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Falar de violência nas ciências humanas é jogar uma rede em um vasto oceano cheio, recheado com as mais variadas espécies. Apesar de suas aparentes diferenças todas têm algo em comum, estão na água, a seu modo se relacionam com o entorno em que vivem, entretanto alguns convivem de maneira tão diferente, que seu relacionamento com o entorno põe em dúvida, se as práticas e pensamentos ali entranhados são realmente corretos.

Essa espécie com o pensamento diferenciado é Hannah Arendt, que possui ideias que, se não podem ser chamadas de novas, podem ser chamadas de distantes do *mainstream*. Paradoxalmente ela busca inspiração na política clássica grega, sobre tudo a ateniense, para na tradição antiga resgatar o que considera o verdadeiro poder político, que nada tem com a violência e é um fim em si mesmo.

A presença da violência em nossa sociedade sempre foi motivo de muitos estudos entre os pensadores não só das ciências sociais, mas de várias áreas do saber, quantidade de autores que apresento aqui, que escreveram sobre a violência em diferentes períodos deve dar uma ideia da afirmação acima, e cada um deles sempre reservou ao tema da violência uma característica predominantemente masculina, onde guerra, sangue, dominação, autoridade e o jogo político são apenas resultados, e o meio estabelecido para alcançá-los fosse a violência, que segundo o entendimento geral seria uma ferramenta para buscar qualquer objetivo com grandes chances de sucesso.

Vivemos em um mundo onde a glamourização da violência é algo absolutamente normal, existem livros, filmes e séries que a tratam com extrema naturalidade. Existe inclusive um subgênero específico do terror para aqueles que apreciam cenas extremas de violência explícita batizado *Splatter* ou *Gore*¹, que vão desde o aparecimento de uma quantidade massiva de sangue, até o desmembramento total da vítima. E no gênero ação, as ações violentas do protagonista são aceitas pois são para realização de um bem maior.

Hannah Arendt vai além de apenas conceituar os temas já abordados como poder e violência, seguindo uma fórmula de d'Entreves, e também proposta por Humberto Eco (ela faz questão de diferenciar o que entende por cada um desses conceitos e ainda acrescenta mais alguns) que segundo a própria autora são símbolos de confusão nas ciências políticas de seu tempo, pois cada autor teria sua própria ideia do que era violência ou poder, então expor o que se acredita serem esses e outros conceitos, apenas enriquece e auxilia quem quer entender sobre o tema.

¹ Apesar de não terem uma tradução exata, ambas as frases se relacionam com sangue “esguichado”.

O que temos também que ter em mente é que, no mundo de hoje, há uma pressa e um anseio pela novidade. As tecnologias evoluem de modo tão feroz que mal sobra tempo para o homem moderno refletir, mal lança-se um novo modelo de celular e outro mais novo e melhor já está sendo noticiado e o mesmo acontece com as ferramentas da violência. Não seria de todo errado também afirmar que esses meios ditam hoje o modo em que vivemos, nos deixamos levar por suas facilidades, as redes sociais, sites e aplicativos só “pedem” para participar do nosso dia-a-dia, e por consequência armazenar e vender todas as nossas informações, confidenciais ou não.

O homem moderno é individualista, por mais irônico que pareça, pois em seu bolso está a porta para o mundo e nele estamos sempre conectados, e nem mesmo o mais visionário dos autores de ficção científica poderia prever isso, o ser que mais compartilha informações com o mundo é o ser que mais se isola dele, diferente do pensamento político arendtiano, no qual somos fortes na pluralidade e na ação conjunta, é nela que podemos pensar e fazer algo como a sociedade acontecer, é nela que temos poder.

O olhar de Hannah Arendt sob as múltiplas questões que se debruçou é único, uma mulher, filósofa, jornalista e escritora, que não gostava de rótulos, alcançou um lugar no *hall* das leituras políticas e filosóficas obrigatórias, lugar onde mulheres ainda possuem pouco espaço.

Os escritos político filosóficos de Hannah sobre totalitarismo e o mal tornaram-se célebres, o termo “banalidade do mal” foi cunhada por sua cobertura e estudo do julgamento de Adolf Eichmann, por onde entendeu que, mesmo possuindo uma característica que o distancia dos animais (a razão), o homem pode cometer, sem grande reflexão, atos de maldade, atos que podem ser reduzidos a decisões burocráticas, de escrivatinhas, e o extermínio então pouco diferiria de uma linha de montagem.

Em seu ensaio Sobre a Violência, escrito entre 1968 e 1969 a autora procura entender as causas e a origem da violência, analisando uma série de ondas violentas de protestos estudantis e raciais que surgiam e cresciam pelo mundo, principalmente na França e nos Estados Unidos, mesmo buscando entender esse fenômeno da violência a autora ainda circunda por temas como revolução, desobediência civil, poder, autoridade e questiona célebres autores, que facilmente uniam poder e violência, fazendo a junção dessas categorias soarem nada menos do que naturais.

Arendt questiona a validade desses autores, e passa a fazer uma análise sobre o lugar da violência na vida social e política, diferente do pensamento hegemônico sobre o tema, e dando uma abertura maior para essa linha de pensamento, distanciando o poder da violência. Em nossa

discussão outros temas abordados pela autora no ensaio também se farão presentes como, força, tecnologia, autoridade entre outros, o entendimento desses conceitos nos auxiliará a uma compreensão mais firme do assunto.

As obras mais consultadas de Arendt para esse trabalho foram “*Sobre a violência*”, “*A condição humana*” e “*Eichmann em Jerusalém*”, outros textos da autora mais pontuais também foram utilizados. Entre os outros autores mais antigos na obra temos dois pais fundadores da sociologia (Marx e Weber), Fanon, Von Clausewitz, Engels, Malinowski entre outros clássicos e alguns novos, porém já reconhecidos autores para nos dar um panorama mais atual sobre o tema, como Bourdieu, Žižek, Marilena Chauí e outros. Autores de áreas um pouco mais diversas, como Bobbio (mais comumente associado ao direito) farão algumas aparições, e deixarão suas contribuições sobre o tema.

O elemento motivador desse estudo é a atualidade do tema da violência e suas várias ramificações. Podemos falar de áreas de estudo partilhadas ao redor da violência, podemos falar de violência contra a mulher, violências contra etnias específicas, no campo, na cidade, violências simbólicas.

No primeiro capítulo pretendo explicitar o significado das palavras, Poder, Violência, Vigor e Autoridade. Tantas nomenclaturas podem causar confusão, ainda mais quando essas palavras habitam um ambiente técnico, e já que tantos autores em outros trabalhos utilizam essas palavras, como a própria autora nos adverte, então nada mais justo do que iniciar com o que as palavras nesse trabalho significam, um exercício positivo, para dar mais foco e agilidade aos capítulos posteriores.

No segundo capítulo abordaremos os dois conceitos principais do trabalho diretamente. Veremos as diferenças estabelecidas por Arendt sobre Poder e Violência e a importância de estudá-los, e veremos a interpretação desses conceitos por outros autores que o entendem de uma forma diferente, associando esses conceitos, e veremos o porquê a autora nos mostrar que são diferentes. Essas interpretações dos autores são principalmente utilizadas nas ciências sociais. Também veremos como decisões técnicas, meramente burocráticas podem revelar uma grande carga de violência.

No terceiro e último capítulo trataremos de um tema que não foi aprofundado pela autora em *Sobre a Violência*, mas que são de suma importância para o entendimento do futuro da violência, são eles a Tecnocracia, e dando também espaço mais uma vez para a burocracia, fenômenos abordados por Hannah de maneira passageira, mas que possuem em seus estudos uma conotação negativa e escatológica, o refinamento dos modos de violência, para a autora, apenas seriam uma aceleração rumo ao fim da vida e a burocracia seria um dos governos mais

tirânicos já existentes.

A grande intenção por trás desse estudo é buscar na literatura consultada respostas para os problemas propostos, ou então, buscar as perguntas certas a serem feitas. Uma compreensão do fenômeno da violência segundo Hannah Arendt, na política e na sociedade nos fará ver onde seus estudos diferem dos seus colegas e o porquê os estudos de Arendt são úteis, dando uma nova visão a algo que parecia estar talhado na pedra, uma dimensão do pensamento resgatada da tradição política grega e ressignificada para a sociedade atual. Os livros estudados, os temas e a própria monografia servirão de base para minha tese de Mestrado em Filosofia Política, na qual o tema será também violência associada com tecnociência.

2 AS PALAVRAS E SEUS SIGNIFICADOS ARENDTIANOS

Muitas vezes vemos algumas palavras sendo utilizadas por alguns autores com um sentido, e por outros em um sentido completamente diferente, sobre isso teremos que concordar que “A LINGUAGEM política é notoriamente ambígua. A maior parte dos termos usados no discurso político tem significados diversos” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p.V) diz Bobbio e outros autores no começo de seu dicionário de política.

Os termos referidos foram sempre tratados com naturalidade, segundo a autora, por outros autores, sobretudo os das ciências políticas pois fazem parte do nosso dia a dia, pois quem nunca leu ou mesmo viu na televisão algo sobre violência? Seja no jornal ou em qualquer outra fonte? “Poder, vigor, força, autoridade e violência seriam simples palavras para indicar os meios em função dos quais o homem domina o homem; são tomados por sinônimos porque têm a mesma função” (ARENDT, 1994, p.36), é de certo errôneo pensar dessa forma, cada um tem seu significado.

Explicar previamente qual a definição estamos dando para cada termo nos auxilia para estabelecer um entendimento mais claro sobre o texto, como nos diz Umberto Eco, quando se trata de uma palavra que possui vários significados ou utilizações diferentes, “trata-se de um termo que muda de significado segundo os autores e, por vezes, em dois autores diferentes quer dizer duas coisas absolutamente opostas” (ECO, 2007, p.37) a utilização de termos-chaves à revelia então é desaprovada, por isso esse capítulo se faz necessário.

É possível ver o mesmo cuidado nos textos de Hannah Arendt, quando ela começa a elencar em “Sobre a violência” os termos que ela acredita que deveriam ser explicados detalhadamente,

Penso ser um triste reflexo do atual estado da ciência política que nossa terminologia não distinga entre palavras-chave tais como ‘poder’ [power], ‘vigor’ [strenght], ‘força’ [force], ‘autoridade’ e por fim, violência – as quais se referem a fenômenos distintos e diferentes, e que dificilmente existiriam se assim não fosse (ARENDT, 1994, p.36)

Essa inspiração de Arendt para a preocupação com o sentido que as palavras teriam em seu texto advém de Alexander Paserin d’Entreves, autor que segundo Hannah Arendt teria sido o primeiro a fazer uma diferenciação de palavras chave para o estudo das ciências políticas, em sua obra *The Notion of the State* diz: “*I propose to distinguish the three approaches that I have outlined by three diferente names: 'might', 'power', 'authority'*” (DENTREVES, 1969, p.6)² ele propõe uma separação dessas palavras para um melhor entendimento do Estado.

O autor também propõe essa separação pelo uso indevido dos termos. Foi daí que Arendt buscou a inspiração para distinguir as palavras que seriam de uso corrente e importante em sua obra,

[...] might, power, authority: these are all words to whose exact implications no great weight is attached in current speech; even the greatest thinkers sometimes use them at random. Yet it is fair to presume that they refer to different properties, and their meaning should therefore be carefully assessed and examined (DENTREVES, 1969, p.7)³

Poder, segundo Arendt é um evento que acontece quando um grupo de pessoas, organizadas, se unem para agir em uníssono e “O único fator material indispensável para a geração do poder é a convivência entre os homens” (ARENDT, 2007, p.213), o poder não é uma propriedade de apenas um indivíduo, nem exatamente de um grupo, já que o grupo não “possui” o poder, mas sim o exerce, e ele apenas se manterá intacto se o grupo se mantiver coeso. A única exigência para o surgimento do poder é que os seres humanos vivam em sociedade.

Essa conceituação de poder, como posta pela autora é muito parecida com a que é postulada por Foucault, que o vê como:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. (FOUCAULT, 1979, np.)

² “Eu proponho distinguir entre três abordagens que eu delinee por três diferentes nomes: ‘força’, ‘poder e ‘autoridade’” (tradução nossa).

³ “força, poder e autoridade: estas são todas as palavras para cujas implicações exatas não possuem grande peso na fala atual; até os maiores pensadores às vezes os usam aleatoriamente. No entanto, é justo presumir que eles se referem a propriedades diferentes, e seus significados devem, portanto, serem cuidadosamente avaliados e examinados” (tradução nossa).

Ou seja, o poder não está dentro das características da posse, ele não pode ser possuído, ele circula, segundo Arendt e Foucault, por um grupo coeso de indivíduos que rege e melhora a vida na cidade, mas esse não é o objetivo do Poder, já que ele não tem um objetivo, e é um fim em si mesmo, não precisa de justificção para acontecer, ele simplesmente acontece, essa postulação sobre poder é claramente inspirada na maneira na qual os gregos faziam política na *Pólis*, como veremos adiante com Benjamin Constant e nos escritos da própria Arendt.

Então, segundo Hannah Arendt, qualquer outro uso da denominação poder é seu uso simbólico “quando falamos de um ‘homem poderoso’ ou de uma ‘personalidade poderosa’, já usamos a palavra ‘poder’ metaforicamente; aquilo a que nos referimos sem a metáfora é o ‘vigor’ [*strenght*]” (ARENDT, 1994, p.36-37), ou a saudável situação financeira, já que pessoas ricas na sociedade são consideradas pessoas “poderosas”, ou até mesmo pessoas com algum prestígio social.

É certo que nem todos concordam, ou atribuem esse significado a tentativa de Arendt de uniformizar o uso dessas palavras do jeito que acredita ser o correto, Anthony Giddens mesmo acredita que “O ‘poder’, em um sentido bastante generalizado, significa a ‘capacidade transformadora’, a capacidade de intervir em um determinado cenário de eventos de forma a alterá-los”. (GIDDENS, 2001, p.33). Segundo Arendt, ele não tem objetivamente função, ele apenas existe e é exercido na cidade, por seus cidadãos.

A segunda palavra utilizada pela autora pode ser considerada mais propensa a confusão. Vigor [*strenght*] é comumente traduzido como força, como ocorre até em outra obra da autora. Vigor determina uma característica individual, a capacidade física do indivíduo, “Enquanto a força é a qualidade natural de um indivíduo isolado, o poder passa a existir entre os homens quando eles agem juntos, e desaparece no instante em que eles se dispersam”⁴ (ARENDT, 2007, p.212), vigor então corresponde a qualquer capacidade física do ser humano.

O vigor sim pertence a uma pessoa, é limitada pela natureza (diferente do poder) e ele pode ser ampliado e até mesmo substituído com o auxílio da ciência, era a característica inerente e necessária a todo o guerreiro em tempos antigos, claro que hoje o vigor também é necessário nos gladiadores modernos, porém, como posto acima, ele pode ser ampliado por uma pistola, rifle ou morteiro, ou pode ser completamente substituído por veículos não tripulados, como Drones.

⁴ A mesma passagem do livro em inglês coloca “While strength is the natural quality of an individual seen in isolation...” (ARENDT, 1998, p.200) ou seja, nessa tradução de a condição humana, *strenght* é traduzido como Força, enquanto em Sobre a violência é traduzida como Vigor.

Força [*force*], diz a autora, deveria ser reservado, em seu uso cotidiano, para fenômenos físicos e sociais, como “força da natureza”, “força do destino” e não para um sinônimo de violência ou vigor. Esse uso mais metafórico da palavra força é estranho para nós, pois diferente da versão em inglês, não temos palavra para diferenciar a força física, da força social ou das forças da natureza.

A autoridade é o próximo conceito que Hannah Arendt se debruça para dar seu significado em sua obra, segundo ela:

A autoridade, relacionando-se ao mais enganoso destes fenômenos e, portanto, sendo um termo do qual se abusa com frequência, pode ser investida em pessoas – há algo como autoridade pessoal, por exemplo, na relação entre a criança e seus pais, entre aluno e professor; ou pode ser investida em cargos como, por exemplo, no Senado romano (*auctoritas in Senatu*); (...). Sua insígnia é o reconhecimento inquestionável por aqueles a quem se pede que obedeçam; nem a coerção nem a persuasão são necessárias (ARENDT, 1994, p.37)

Ou seja, em seu entendimento, Arendt diz que a autoridade não necessita de nada mais do que o reconhecimento para acontecer, e qualquer gesto negativo da autoridade contra seus “subordinados” pode lhe retirar o *status* de autoridade, enquanto pessoa que deve-se obedecer por fins práticos, hierárquicos ou pessoais, nada mais do que esse reconhecimento é necessário para realizar essa relação. Segundo a autora, uma das formas mais fácil de minar a autoridade, seria o riso.

Contudo, apesar de nos explicar o termo, Arendt não nos diz diretamente o que entende por autoridade, em seu Dicionário de política, Bobbio, é mais objetivo e consegue explicar mais claramente o que entende por autoridade:

A Autoridade, tal como a temos entendido até aqui, como poder estável, continuativo no tempo, a que os subordinados prestam, pelo menos dentro de certos limites, uma obediência incondicional, constitui um dos fenômenos sociais mais difusos e relevantes que pode encontrar o cientista social. Praticamente todas as relações de poder mais duráveis e importantes são, em maior ou menor grau, relações de Autoridade: o poder dos pais sobre os filhos na família, o do mestre sobre os alunos na escola, o poder do chefe de uma igreja sobre os fiéis, o poder de um empresário sobre os trabalhadores, o de um chefe militar sobre os soldados, o poder do Governo sobre os cidadãos de um Estado (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p.89)

Por final, o elemento central da obra, a Violência. Segundo a autora é distinguida por seu caráter instrumental e está mais próxima ao vigor, ou seja, o uso de instrumentos pode estender o uso do vigor e em não raras situações, até substituí-lo. O uso de tanques de guerra, aviões bombardeiros e submarinos nucleares são o exemplo da instrumentalidade da violência

“Estes instrumentos, (...), tiveram de ser produzidos, o que equivale a dizer que o produtor dos mais perfeitos instrumentos de violência, que são as armas, triunfa sobre o produtor dos mais imperfeitos” (ENGELS, 1875, p.328).

Marilena Chauí, também se desdobrou para estudar o fenômeno da violência, nos dá uma versão mais completa do que entende por violência, ao contrário da análise de Arendt, não restringe à sua instrumentalidade,

Etimologicamente, violência vem do latim *vis*, força e significa: 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror. A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. Na medida em que a ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, tratá-lo como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade é tratá-lo não como humano e sim como coisa, fazendo-lhe violência nos cinco sentidos em que demos a esta palavra (CHAUÍ, 1998, np.)

Estudar o pensamento Arendtiano e empregar o sentido que a autora fixa para essas palavras não quer dizer que esse sentido são os mais corretos, porém demonstra que o leitor quando se deparar com essas palavras em suas obras, saberá do que ela está falando.

No capítulo posterior nos preocuparemos em aprofundar mais o pensamento arendtiano no que concerne a Poder e Violência (temas centrais do nosso trabalho), apresentar mais consistentemente a importância desses termos para os estudos dentro das ciências sociais, nas suas diferenças, usos na academia por outros autores e como o uso desses termos pela autora inaugurou uma nova forma de pensar esses assuntos.

3 PODER E VIOLÊNCIA

Um dos pontos de partida da autora é sua insatisfação em saber que muitos autores colocam os temas na mesma categoria, ou mesmo como fenômenos que não seriam nada mais do que decorrentes um do outro: “Se nos voltarmos para as discussões do fenômeno do poder, rapidamente percebemos existir um consenso entre os teóricos da política, da Esquerda à Direita, no sentido de que a violência é tão-somente a mais flagrante manifestação do poder” (ARENDT, 1994, p.31), para ela essa diferenciação é algo urgente a se fazer.

Essa concordância fica muito melhor exposta quando lembramos da famosa máxima do Oficial Prussiano, Von Clausewitz, quando afirma, “Mas não menos real é a importância de um outro ponto que precisa ser deixado absolutamente claro, isto é, que a guerra nada mais é do que a continuação da política com outros meios” (CLAUSEWITZ, 1832, p.70), claro considerando a guerra como a maior manifestação de violência que poderia acontecer.

Segundo a autora, a equiparação desses dois recorrentes temas é errôneo, nas palavras dela: “O consenso é muito estranho, pois equacionar o poder político com a ‘organização dos meios da violência’ só faz sentido se seguirmos a consideração de Marx, para quem o Estado era um instrumento de opressão nas mãos da classe dominante” (ARENDT, 1994, p.31), não só Marx, mas outros autores, que serão citados a frente, demonstram o uso da violência não apenas na resolução de conflitos externos, mas sua utilização domesticamente.

3.1 As várias faces da violência

Segundo Hannah Arendt, o fenômeno da violência não era comum de ser estudado, apesar do momento de guerra que os Estados Unidos estavam passando (estão nesse período há 13 ocupando o Vietnã), a autora diz que estudos sobre a violência não são comuns e que “é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial. (Na última edição da Enciclopédia de Ciência Sociais, a ‘violência’ nem sequer recebe menção)” (ARENDT, 1994, p.16), algo que não podemos afirmar sobre os dias atuais devido a alta produção de material.

A violência não era tão estudada e “Isto indica o quanto a violência e sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e, portanto, desconsideradas” (ARENDT, 1994, p.16), a convivência com a violência sedou os nervos, ela é considerada nada mais do que um aspecto da sociedade, da manutenção da ordem, e em nome da manutenção das ruas a violência é aceita e aplaudida, o fim foi justificado.

Se nos voltarmos primeiramente para a filosofia clássica, vemos a presença da violência em algumas obras, vemos que Aristóteles distingue os movimentos da natureza em dois, naturais e violentos, sendo que o primeiro estabelece que as coisas permanecem naturalmente nos lugares que geralmente ocupam, uma árvore na terra, água no rio, etc. se alguém então, corta a árvore, ou retira a água do rio está cometendo um movimento violento, pois está retirando o objeto do seu curso natural,

Para Aristóteles, todas as coisas tendem a ocupar seus lugares correspondentes na natureza, por isso são chamados movimentos naturais. Em contrapartida, as coisas que não seguem o seu curso natural e porque estão expostas a algo ou a alguém que está

violando a sua natureza. Movimentos violentos não são naturais nem definitivos. No caso da pedra, quando cessar tal impulso que lhe pôs em movimento violento, esta cairá ao solo, seu lugar natural (DA CRUZ, 2016, p.67)

Então, para Aristóteles, ocorre um movimento violento quando alguém ou algo interfere no curso natural dos eventos, impedindo que algo perpetue seu sentido na natureza.

Segundo Benjamin Constant, que fez uma análise sobre o significado de liberdade para os povos antigos e modernos, a guerra ocupa uma grande parte da vivência dos Estados antigos, “Ela era o interesse constante, a ocupação quase habitual dos Estados livres da antiguidade” (CONSTANT, 1985, p.2), a violência fazia parte ativamente do cotidiano das pessoas, ela era tida como natural, algo a se fazer para continuar a viver na *Pólis*.

E até antes da aparição do Estado, segundo os jusnaturalistas, as pessoas viviam em um Estado de Natureza, onde eram livres, viviam isolados ou em pequenos grupos, não havia nada que garantisse sua segurança. Seus direitos naturais não estavam de modo nenhum resguardados, pois não havia um Estado para garantir o respeito entre as pessoas, e segundo a teoria hobbessiana o homem é egoísta e mau por natureza. Sua conhecida afirmação de “o homem é o lobo do homem” tornou-se famosa por mostrar o lado mais violento dos seres humanos, e não podendo saber o que se passa na cabeça de seu semelhante (pressupõe sempre que será um ataque a sua vida) antecipa seu movimento para resguardar-la. Essa é a guerra de todos contra todos, não podendo saber o que se passa na cabeça de seu vizinho, e tomando sua agressividade e cobiça como base, e sempre de antemão buscando se proteger contra invasores, “E contra esta desconfiança de uns em relação aos outros, nenhuma maneira de se garantir é tão razoável como a antecipação” (HOBBS, 1983, p.75), segundo o autor então, nenhum modo de garantia de sucesso é tão confiável quanto atacar primeiro.

Está é a vida natural hobbessiana, a aquisição de terras, produtos e ferramentas melhores pressupõe violência, tanto de um lado quanto de outro, um lado, para a defesa de seu patrimônio quanto do outro, que sem possuir essas terras, produtos e ferramentas, é capaz de se aliar com outros grupos para toma-los e usufruir deles utilizando dos métodos conhecidos na época, a pilhagem e invasão,

E disto se segue que, quando um invasor nada mais tem a recear do que o poder de um único homem, se alguém planta, semeia, constrói ou possui um lugar conveniente, é provavelmente de esperar que outros venham preparados com forças conjugadas, para desapossá-lo e privá-lo, não apenas do fruto de seu trabalho, mas também de sua vida e sua liberdade (HOBBS, 1983, p.75)

Esse mundo de mortes não é tão cíclico quanto aparenta, o invasor, aquele que quer

tomar para si as posses que os outros conseguiram, ou qualquer outra pessoa presente no estado de natureza hobbesiano, não vai apenas matar, vai também subjugar, e vai fazer isso com a maior quantidade de pessoas que conseguir, assim vai juntar forças suficientes para que qualquer outro grupo que tentar entrar em combate com eles se sinta desmotivado, assim prevalecendo a lei do mais forte.

Para Cesare Lombroso, psiquiatra, conhecido por ser o fundador da Antropologia Criminal, adepto do evolucionismo antropológico, considerou os aspectos mais biológicos da criminalidade nos homens, para ele os delinquentes eram aqueles que possuíam as características que eram, pelo linguajar evolucionista, reservados às tribos e pessoas tidas como “selvagens”,

A origem, mais congênita ou na idade juvenil do delito, sua maior difusão com a civilização, os grandes centros, a hereditariedade menos intensa da demência e da neurose, a aparente boa saúde, a maior robustez, estatura mais elevada, maior volume de cabelos, a fisionomia especial, e as paixões e instintos do réu-nato, recordam completamente a fisionomia, o homem selvagem, bem mais que o alienado, especialmente a preguiça e paixão da orgia e da vingança, que, quase sempre falta a este último (LOMBROSO, 2007, p.194)

Além disso a presença de tatuagens, desejo sexual exacerbado, linguajar chulo, tamanho do crânio, formato da face, olho, orelha dentre outros demonstrava que o sujeito era, como ele chamava um “réu-nato”. Essas pessoas, por serem “selvagens sociais”, eram capazes de cometer os mais bárbaros crimes, muitas vezes sem remorso, a violência surgia delas por atavismo, uma recessão na sua evolução biológica, que faria o ser humano regredir, voltando a se comportar como animal.

Não é necessário afirmar o dano que esse tipo de estudo trouxe ao mundo, os estudos de Lombroso foram utilizados para justificar a diferenciação étnica entre humanos, perseguições dentre outros malefícios, hoje em dia as teses de Lombroso ocupam apenas um lugar expositivo na antropologia evolucionista e em estudos na criminologia, dado que os resultados dos seus exames científicos são inconclusivos, os resultados são escassos para determinar qualquer tendência genética para o mal e a violência nos indivíduos.

Em um dos seus estudos o antropólogo Clifford Geertz e sua esposa, estavam tentando estudar uma pequena aldeia em Bali, notou o protagonismo e a centralidade que a briga de galos ocupava no cotidiano do povo, por exemplo, na semana que em que chegaram, ou um pouco mais, estava marcado um evento, uma rinha de galo para angariar dinheiro para uma escola, então apesar do negócio ser ilegal (a briga de galos se tornou ilegal desde a dominação dos holandeses), as angariações de apostas da rinha também serviriam ao público.

Geertz foi um pouco mais além, depois de sua aceitação na comunidade (por meio da briga de galos) ele constatou uma relação muito próxima entre o homem e o animal, “Na briga de galos, o homem e a besta, o bem e o mal, o ego e o id, o poder criativo da masculinidade desperta e o poder destrutivo da animalidade desenfreada fundem-se num drama sangrento de ódio, crueldade, violência e morte” (GEERTZ, 2008, p.191) o autor compara o envolvimento das pessoas na rinha com os esportes ocidentais, velhas piadas, histórias, toda uma relação surge da rinha de galos.

Apesar de quem se enfrenta na rinha são os galos, Geertz diz que o embate verdadeiro ocorre entre os homens, “Segundo o provérbio, cada povo ama sua própria forma de violência. A briga de galos é a reflexão balinesa sobre essa violência deles: sobre sua aparência, seus usos, sua força, sua fascinação” (GEERTZ, 2008, p.210), a briga de galos extravasa toda a violência contida na aparente serenidade da vila, tal como um meio sacrificial os galos são o canal pelo qual a violência é expiada daquele povo.

Por falar em meio sacrificial o filósofo, antropólogo e sociólogo René Girard analisou o papel do sacrifício sagrado nas comunidades, o sacrifício seria isso, um meio canalizador da violência, “A sociedade procura desviar para uma vítima relativamente indiferente, uma vítima ‘sacrificiável’, uma violência que talvez golpeasse seus próprios membros, que ela pretende proteger a qualquer custo” (GIRARD, 1990, p.14), a vítima, comumente um animal em abundância na área.

Como o animal não é capaz de vingança, é perfeitamente seguro para ser o objeto alvo da violência daquela sociedade, dessa maneira a violência é direcionada para um objeto controlável, e a violência segue passos, na forma de ritos, a religião então domina a violência, diz o autor “A violência e o sagrado são inseparáveis”, caminham juntos. Esse desejo de violência surge, e necessita desse alvo, pois os riscos são altos e caso o sacrifício não aconteça podem ser graves consequências

Tanto Medéia como Ajax revelam a mais elementar verdade sobre a violência. Caso não seja saciada, ela continua a acumular até transbordar, espalhando-se e, torna com os mais desastrosos efeitos. O sacrifício procura controlar e canalizar para a ‘boa’ direção os deslocamentos e substituições espontâneos que ocorrem nesse momento (GIRARD, 1990, p.22)

E o alvo dessa violência tem que ser rapidamente encontrado, pois a violência pode mudar de alvo, assim se o objeto sair da linha de visão da pessoa que exerce a violência, uma criatura pode substituir outra, não premeditada, e o resultado que isso pode alcançar é imprevisível

A própria violência vai deixá-las de lado, assim que o objeto inicialmente visado sair de seu alcance e continuar a provocá-la. A violência não saciada procura e sempre acaba por encontrar uma vítima alternativa. A criatura que excitava sua fúria é repentinamente substituída por outra, que não possui característica alguma que atraia sobre si a ira do violento, a não ser o fato de ser vulnerável e de estar passando a seu alcance (GIRARD, 1990, p.13)

Extravasar ou até mesmo ter que direcionar a fúria é um dos métodos que as sociedades encontraram, por meio da religião, para funcionar como uma válvula de escape para sua violência direcionada, tanto é verdade que a popular expressão “bode expiatório” está sempre presente no nosso vocabulário, é um ente que substitui o alvo principal, mas que encontra nele o mesmo benefício, o objetivo a ser realizado, nesse caso, a expiação dos pecados, a liberação da violência.

Malinowski é um dos antropólogos que definiu novos métodos para a pesquisa de campo, considerado um dos fundadores da antropologia social, seus estudos, principalmente sobre os nativos das ilhas Trobriand são amplamente conhecidos e estudados em muitos níveis na antropologia. Ele também dedicou algum tempo e observação sobre crime, punição e violência nos povos que estudou, ainda que a violência em si não fosse foco principal de seu estudo outro aspecto dessa estava vinculada então, a vingança surge, de uma maneira singular.

O índice de crimes no lugar da pesquisa entre a tribo estudada era baixo, tanto que “Um assassinato é uma ocorrência raríssima... somente um caso ocorreu durante minha estada, o de um famigerado feiticeiro morto por um golpe de lança, à noite, quando sub-repticiamente se aproximava da aldeia” (MALINOWSKI, 2003, p.90), claro que haviam combates “Naturalmente, também há mortes durante uma guerra” (MALINOWSKI, 2003, p.90), porém o mais curioso é o modo que tratam a vingança.

Quando alguém comete algum atentado contra alguém, geralmente de outro subclã, a vingança é o meio para que a justiça seja feita, no caso dos estudos de Girard, a vingança é teoricamente infinita, se sempre houvesse alguém para vingar o ato entre duas partes, alguém então sempre iria vingar alguém, não é o caso que nos apresenta Malinowski,

Em todos os casos, quando um homem é morto por pessoa de outro subclã, há a obrigação da pena de talião – teoricamente, peremptória, mas na prática só é considerada obrigatória nos casos de homens adultos, de categoria ou importância; mesmo assim, considerada dispensável quando o falecido teve esse destino pela própria culpa (MALINOWSKI, 2003, p.90)

O modo encontrado para a resolução desse caso sem derramamento de sangue foi a

retratação financeira, “Em outros casos, quando a vingança é evidentemente exigida pela honra do subclã, ainda assim é contornada pela substituição do sangue pelo dinheiro (o lula)” (MALINOWSKI, 2003, p.91), uma alternativa pacífica para livrar o vingador de suas obrigações de vingança, a fim de não sofrer retaliação pelo crime cometido, é pago literalmente o preço da paz, a violência cessa de acontecer.

Foucault ao analisar o nascimento das prisões, inicialmente passa pelos castigos que eram aplicados aos que cometiam crimes por volta do período medieval. Na abertura de seu livro *Vigiar e Punir*, ele nos mostra, com grande riqueza de detalhes como as penas eram marcadas no corpo do criminoso, penas que visavam ferir o corpo, fazê-lo pagar por seus crimes, até mesmo quando o corpo não estava mais consciente e iniciava-se um misto de tortura e show de horrores. Todo um ritual era preparado, ele levava a arma que cometera o crime, seu corpo foi perfurado por hastes de metal, chumbo derretido, óleo fervente, piche, cera e enxofre foi derramado sobre seu corpo, seu corpo desmembrado por cavalos e depois ainda foi queimado, a violência de seu tormento era utilizada para a punição, a gravidade do crime era traduzida nesses suplícios, nesse teatro de morte, a pena e o aviso aos que cometeriam crimes foram exibidos.

Há também uma forma mais comum de violência, mais fácil de ser acompanhada pois está sempre presente em nossos jornais, e está, mais do que nunca, em pauta nos dias de hoje, essa é a violência cometida contra a mulher. Quando é posto em pauta a violência contra a mulher, a violência física, apesar de considerada nem sempre é a principal, “A forma mais comum de violência contra as mulheres é o abuso cometido pelo companheiro, que envolve desde agressão psicológica e/ou física até relação sexual forçada” (HEILBORN; ARAÚJO; BARRETO, 2010, p.174) abuso psicológico e sexual são principalmente levados em conta.

Desde cedo as crianças são ensinadas a se comportarem conforme seu gênero biológico, meninos brincam de bola e boneco, meninas são estimuladas a brincarem de afazeres doméstico, brincarem com simulacros de bebês, fogões entre outros utensílios, “Assim, meninos são ensinados a apreciar esportes de ação, aventura e certa violência; recebem como brinquedos armas, espadas, bolas, carrinhos; são preparados para lutar e para se posicionarem de forma mais agressiva e assertiva na relação com seus pares” (HEILBORN; ARAÚJO; BARRETO, 2010, p.19) a agressividade é estimulada em meninos, e a passividade em meninas.

Não só no campo das brincadeiras que mulheres sofrem violência de gênero, em todas as fases do cotidiano e da vida elas estão sujeitas a todo tipo de agressão

Mulheres brasileiras, nos diferentes períodos da vida, sofrem a violência com base no gênero em suas várias expressões: restrições no campo da autonomia sexual, dificuldades de acesso à saúde sexual e reprodutiva, sobrecarga de responsabilidades, segregação ocupacional, discriminação salarial, baixa presença nos espaços de poder, má distribuição dos afazeres domésticos etc. (HEILBORN; ARAÚJO; BARRETO, 2010, p.105)

Muitas vezes, como vimos, essa violência é suave (mas não menos prejudicial), não no sentido positivo da palavra, mas no sentido de que ela não deixa marcas visíveis, o abuso tende a atacar o psicológico. Nas palavras do sociólogo Pierre Bourdieu essa seria uma violência simbólica,

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2012, p.7-8)

Essa violência é cometida em nome de vários fatores, como ciúmes e até a não aceitação do término do relacionamento estão incluídas em nome da manutenção da violência contra a mulher, violência essa que o machismo avaliza por meio de práticas que estão entranhadas na sociedade, entre as causas da violência a honra dos homens sempre estão em maior visibilidade

Em nome da honra masculina, mulheres são vítimas de ameaças, insultos, xingamentos, humilhações, chegando ao extremo dos assassinatos que se estampam nas manchetes de jornais e revistas. A diferença entre estas e outras formas de violência está no fato de a agressão se pautar no machismo presente nas sociedades que, de certo modo, “autorizam” a agressão à mulher e ao feminino (HEILBORN; ARAÚJO; BARRETO, 2010, p.91)

Com um aprofundamento das questões, vemos que a dominação simbólica não reside apenas na violência de gênero, assim como ela, as outras formas de dominação simbólica também dependem de práticas já presentes na sociedade, a redução da importância de outra etnia, língua, cultura e religião estão entre as causas desse tipo de violência. O combate a esse tipo de dominação é difícil, as suas bases estão entranhadas na coletividade e também nos corpos dos seres dessa coletividade.

Enfatizar que a violência simbólica tem também um grande papel não é em nenhum momento negar ou descartar o cruel papel que a violência física tem em nossa sociedade, a agressão física não machuca menos pela existência de outras formas de agressão, mulheres e outras minorias ainda são espancadas, agredidas, estupradas e constantemente feitas de vítimas por homens, e em grande parte em nome da virilidade masculina.

Um autor, filósofo contemporâneo, Žižek tem um livro inteiro dedicado ao fenômeno da violência, que se apresenta também de diversas formas, “Os sinais mais evidentes de violência que nos vêm à mente são atos de crime e terror, confrontos civis, conflitos internacionais” (ŽIŽEK, 2014, p.17), mas, segundo o autor, também devemos estar atentos as outras formas de violências que não são tão visíveis ou denunciáveis assim.

O autor também denuncia essas formas de violência que não são facilmente identificáveis, mas que também causam danos irremediáveis, que marginalizam e ferem (mesmo de modo simbólico) suas vítimas, esse tipo de violência está mais próximo a linguagem, Slavoj Žižek colocou-a como fonte mais explícita dessa violência do que, por exemplo, Bourdieu:

Em primeiro lugar, há uma violência ‘simbólica’ encarnada na linguagem e em suas formas, aquilo que Heidegger chamaria a ‘nossa casa do ser’. Como veremos adiante, essa violência não está em ação apenas nos casos evidentes – e largamente estudados – de provocação e de relações de dominação social que nossas formas de discurso habituais reproduzem: há uma forma ainda mais fundamental de violência que pertence à linguagem enquanto tal, à imposição de um certo universo de sentido. Em segundo lugar, há aquilo a que eu chamo violência ‘sistêmica’, que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político. (ŽIŽEK, 2014, p.17)

O autor aponta um tipo de violência que ainda não tínhamos tocado aqui, o que chamaremos de violência econômica. Esse tipo de violência é protagonizado pelas pessoas que o autor chama de “comunistas liberais” grandes empresários que exercem programas humanitários e de caridade, como por exemplo Bill Gates, que em sua empresa movimenta uma quantidade de dinheiro que seriam a receita de um PIB de um pequeno país, e que eles também seriam a causa da miséria do povo que auxiliam “A caridade é a máscara humanitária que dissimula o rosto da exploração econômica” (ŽIŽEK, 2014, p.32) a mesma mão que dá, é a mão que toma.

As pessoas que se propõem a combater esse mal são aqueles que ajudam a propagá-lo, a violência imposta pelo capital, na forma de especulação financeira, exploração do trabalho, desmatamento de áreas entre outras práticas. Cercado por tantas formas de violência, não surpreende que Bauman dedicou um livro ao problema do medo na sociedade pós-moderna, o afastamento das pessoas, muros mais altos, câmeras e cercas espalhadas pelas ruas, o cinza da cidade revela o temor presente na nossa sociedade.

A modernidade líquida apresentada por Bauman se caracteriza, além de outras coisas, pelo desapareço a todas as coisas, e elas são mesmo feitas para durarem pouco, assim com o advento da internet, as relações ficam cada vez mais próximas e ao mesmo tempo mais

distantes, não são criados laços profundos, são apenas pontos de ligação entre imagens, a obrigatoriedade nos laços mais ‘sólidos’ geram uma restrição da liberdade na vida do indivíduo “A sociedade individualizada caracteriza-se pelo afrouxamento dos laços sociais, esse alicerce da ação solidária. Também é notável por sua resistência a uma solidariedade que poderia tornar esses laços duráveis — e seguros” (BAUMAN, 2008, p.32) ora, já não foi dito que o homem que tem o mundo em seu bolso é o mesmo que menos interage com ele?

A sociedade do medo líquido apresentada por Bauman também apresenta, tal como a de Žižek uma pitada de violência econômica, pois o dinheiro é “O fenômeno a ser manipulado e transformado em gerador de lucro é o *medo da morte* - um ‘insumo natural’ que pode potencializar recursos infinitos e a prática da renovação total” (BAUMAN, 2008, p.72), O medo da morte então seria a melhor propaganda de marketing que já existiu nesses tempos, e a oferta por esses produtos sempre tem compradores.

Assim na sociedade que Bauman descreve, o medo tem a função de impulsionar as vendas das empresas e assegurar o controle dos políticos. Na primeira parte a pessoa vai comprar produtos e aparatos para sua defesa, ou que pelo menos deem essa ilusão, como é impossível medir o nível de seguridade, e a tecnologia vai sempre melhorando e aprimorando os meios para essa defesa, as pessoas sempre compram mais e mais, o lucro é certo, pois quem de nós que teríamos a oportunidade de obter mais segurança no nosso dia a dia não o faríamos?

Aqueles de nós que podem arcar com isso se fortificam contra perigos visíveis ou invisíveis, atuais ou previstos, conhecidos ou ainda não, dispersos, mas ubíquos, desintoxicando o interior de nossos corpos e lares, trancando-nos atrás de muros, cercando os acessos a nossas residências com câmaras de TV, contratando guardas armados, dirigindo veículos blindados ou tendo aulas de artes marciais (BAUMAN, 2008, p.186)

Para o político é interessante, pois reafirma o seu controle sobre os cidadãos, pois, como diz o autor, o medo não tem raiz, está espalhado, eles contam com um aparelhamento que visa combater o mal na sociedade, porém, não há maneira total de testar a eficiência dos especialistas que contratam e treinam por isso sempre ficamos a sua mercê, sempre contando com mais e mais políticas públicas para a nossa proteção, enquanto também gastamos, nós mesmos com ela.

Para termos esses meios de defesa, primeiro eles precisam ser fabricados, e é isso que Engels prioriza em seu estudo sobre a violência, sua instrumentalidade. Em seu livro *Anti-Düring*, quando fala dos meios de produção para a violência, ele relembra a história de Robinson Crusoe “Robinson escraviza ‘Sexta-feira’, ‘com a espada na mão’. Sim, mas onde arranjou essa

espada? Que se saiba, até hoje, as espadas não brotam, como árvores, de nenhum lugar da terra, nem mesmo nas ilhas imaginárias onde vivem os Robinson” (ENGELS, 1875, p.327). Para a espada existir, ela primeiro precisou ser fabricada e depois comercializada.

Então a implementação da violência passa por algo a mais do que a simples vontade de cometê-la, são necessários meios para que ela possa prosperar, e nada mais efetivo do que um instrumento que amplie o seu vigor, um corte de espada é, na maioria das vezes, mais efetivo do que um soco ou um pontapé, nada mais garante um sucesso na ordem dada do que a presença de um utensílio para garantir a efetividade da ordem que foi oferecida (a validade dessa ordem todavia é contestada no capítulo seguinte desse trabalho).

E já que existem esses instrumentos de violência, sendo produzidos por uma indústria exclusiva para sua manufatura, tem que ser levado em conta também a evolução desses instrumentos. Se a espada é um meio efetivo de potencializar o seu usuário, o arco e flecha também garantem essa potencialização e daí para a substituição do vigor quando entram em cena as armas de fogo, mesmo as mais rudimentares, pois garantem um efetividade maior que seus predecessores:

O Revólver triunfará da espada e até a criatura mais cheia de axiomas terá de reconhecer que, neste caso, a violência não é um mero ato de vontade, pressupondo, pelo contrário, condições prévias bastante reais para o seu exercício, a saber: instrumentos, entre os quais, o mais perfeito esmaga o mais imperfeito. Estes instrumentos, que não brotam do solo, por si sós, tiveram de ser produzidos, o que equivale a dizer que o produtor dos mais perfeitos instrumentos de violência, que são as armas, triunfa sobre o produtor dos mais imperfeitos. Daí temos de reconhecer, em resumo, que a vitória da violência se reduz à produção de armas e que esta, se reduz à produção em geral, e, portanto, ao ‘poderio econômico’, à ‘situação econômica’, aos meios materiais colocados à disposição da vontade da violência (ENGELS, 1875, p.328)

Para deixar mais claro a visão de Engels sobre o assunto, Hannah Arendt nos diz que “Devemos sempre lembrar que a violência não depende de números ou opiniões, mas de implementos, e, como mencionado anteriormente, os implementos da violência, como todas as ferramentas, amplificam e multiplicam o vigor humano” (ARENDT, 1994, p.42). Basta termos em mente que apenas um único atirador em Las Vegas matou 58 pessoas e feriu outras 500⁵, tudo isso possível graças ao avanço dos instrumentos da violência.

Sobre esse assunto é também importante levantar o que Hobbes diz sobre o vigor dos homens mais fracos contra um adversário mais forte, nessa questão a ‘força física’ contaria e muito para detê-lo “Porque quanto à força corporal, o mais fraco tem força para matar o mais

⁵ Para mais informações: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/atirador-de-las-vegas-baleou-seguranca-de-hotel-antes-de-disparar-contra-multidao.ghml>

forte, quer por secreta maquinação, quer aliando-se com outros que se encontrem ameaçados pelo mesmo perigo” (HOBBS, 1983, p.74), ou seja, no estado de natureza, quando a técnica para a violência ainda era escassa, segundo o autor os números faziam a diferença entre a vida e a morte.

Claro que a evolução da técnica nos permite avanço em áreas que são de extrema importância para o mundo, como setores da saúde, moradia, em geral esse avanço nos faz ter uma longa expectativa de vida, construção de moradias mais baratas e acessíveis entre outros benefícios que só o avanço da ciência permitiria, porém outros autores não veem com bons olhos esse avanço da tecnologia,

Progresso e assassinato em massa andam um ao lado do outro. Assim como diminuiu o número dos mortos por fome e praga, também aumentou a morte por violência. Assim como a ciência e a tecnologia avançaram, também avançou a proficiência em matar. Assim como cresceu a esperança por um mundo melhor, também cresceu o assassinato em massa (GRAY, 2005, p.111-112)

Sobre o progresso da ciência e da técnica será tratado disso em um capítulo à parte, dada a importância dessa reflexão, dado que esse também é um dos fatores tratados seriamente por Hannah Arendt e apesar de não ocorrer um aprofundamento nessa questão, outros autores, tanto clássicos como atuais, mostram como o avanço dessas tecnologias podem afetar os Estados e o próprio fenômeno da violência, esse progresso sempre visto com olhares desconfiados.

Nesse capítulo as formas na qual alguns autores traduziram a presença da violência na sociedade, de gênero, econômica, física, subjetiva ou simbólica mostra que os autores estão engajados em descobrir as várias faces que esse fenômeno aparece, então seu estudo está sim em alta, não é mais uma “questão obscura” como Arendt disse em seu tempo, e é por sempre aparecer que seu estudo se faz necessário, pois há, como vimos, mais de uma forma de se analisar a violência, que é sempre noticiada nos jornais, e está a nossa volta no cotidiano.

3.2 A Hegemonia da Violência no Poder

Como citado, há muita confusão, segundo Hannah Arendt no tocante aos conceitos Violência e Poder. Deixando a impressão que esses temas são uma mesma coisa, apenas utilizadas em momentos diferentes, ora se isso for verdade, então a máxima “Proclamada por Mao Tsé-Tung, de que o ‘poder brota do cano de uma arma’” (ARENDT, 1994, p.18) seria inteiramente válida, então nossas instituições políticas não seriam mais efetivas do que qualquer criminoso que estivesse portando um revólver, e um Estado que portasse ostensivamente armas para garantir a subserviência de qualquer cidadão seria o mais bem sucedidos de todos.

Arendt acreditava na ação conjunta como elemento gerador de poder, desse agir em grupo e enquanto esse grupo se mantiver coeso, utilizando desse elemento para gerir a cidade, para garantir o sucesso da comunidade, por ela, essa ação em si já possui uma qualidade positiva, pois como exploraremos a frente, essa união não aceita, nem pressupõe o uso de violência, é um movimento espontâneo e,

O poder só é efetivado enquanto a palavra e o ato não se divorciam, quando as palavras não são vazias e os atos não são brutais, quando as palavras não são empregadas para velar intenções mas para revelar realidades, e os atos não são usados para violar e destruir, mas para criar relações e novas realidades (ARENDR, 2007, p.212)

Essa inspiração de Arendt é baseada no modo de organização da *pólis*, a cidade-Estado grega, onde, o cidadão encontra sua plenitude política. Como descrito por Aristóteles o homem é um “animal político” (*zôon politikon*), a cidade seria apenas um reflexo disso, ela é o lugar onde a vida social e política pode fluir, o homem só pode ser livre na cidade, fora dela estaria sujeito a todo tipo de adversidades, não tendo nascido na *pólis* que se encontra, poderia facilmente ser tomado por escravo, porém normalmente ocuparia o lugar de *meteco* (estrangeiro, sem direitos políticos fora da cidade que nasceu), não tendo direito de decidir sobre os problemas e soluções, diferente do nascido na *pólis* onde ele debate sobre os mais diversos assuntos, encontra-se com outros cidadãos e se põem, segundo Constant:

[...] em deliberar na praça pública sobre a guerra e a paz, em concluir com os estrangeiros tratados de aliança, em votar as leis, em pronunciar julgamentos, em examinar as contas, os atos, a gestão dos magistrados; em fazê-los comparecer diante de todo um povo, em acusá-los de delitos, em condená-los ou em absolvê-los; mas, ao mesmo tempo que consistia nisso o que os antigos chamavam liberdade, eles admitiam, como compatível com ela, a submissão completa do indivíduo à autoridade do todo (CONSTANT, 1985, p.1)

Temos também que tomar em consideração que, mesmo a maior cidade-Estado grega que já existiu, perderia, tanto em tamanho, quanto em população para as cidades modernas, o nível de complexificação da sociedade também aumentou, e também houve o surgimento de várias instituições que os gregos não conheciam (igreja, escolas, Etc.), é nesse tipo de associação que Arendt enxerga a verdadeira política, a união dos membros para decidir o melhor meio de governar.

Pensar que o poder é um meio pelo qual as ordens são obedecidas através da violência, é dar aval à frase atribuída à Mao, essa forma reducionista de enxergar o poder é muito estranha pois, enxergando desse modo a pedra base para o funcionamento da sociedade seria, em algum

nível, a violência, ou, para colocar em outras palavras, a dominação através de formas de violência. Sobre esse tema existem alguns teóricos que realmente atribuem o funcionamento do corpo social em fazer com que outros realizem seus desejos através de um tipo de violência qualificada.

Para dar uma visão mais aproximada da confusão entre violência e poder, que Hannah Arendt constatou, dois autores, que se encontram em lados diferentes da discussão, Max Weber e Karl Marx, ambos concordam em um ponto, a violência tem uma grande função na administração da coletividade, para um a violência é um meio prático para alcançar a ordem social, para o outro é uma ferramenta poderosa para oprimir os trabalhadores.

Outros autores também reduzem a convivência política à dominação, apesar da separação proposta por Max Weber ter ficado a mais conhecida e ainda hoje a mais utilizada para abrir qualquer assunto sobre dominação, Voltaire fez uma análise um pouco mais pessoal (sem a presença do Estado) puxando o conceito de poder mais próximo à dominação afirmando que:

‘O poder’, disse Voltaire, ‘consiste em fazer com o que os outros ajam conforme eu escolho’; ele está presente onde quer que eu tenha a oportunidade de ‘afirmar minha própria vontade contra a resistência’ dos outros, disse Max Weber, lembrando-nos da definição de Clausewitz, da guerra como ‘um ato de violência a fim de compelir o oponente a fazer o que desejamos’ (ARENDT, 1994, p.32)

Quando pensamos em dominação, a primeira coisa que vem em mente são as categorias propostas por Max Weber, e que serão melhor expostas a frente, porém outros autores também trataram sobre o tema, “Lembramo-nos imediatamente do que Sartre disse a respeito da violência quando lemos em Jouvenel que ‘um homem sente-se mais homem quando se impõe se faz dos outros um instrumento da sua vontade’, o que lhe dá um ‘prazer incomparável’” (ARENDT, 1994, p.32), esse tipo de comportamento, descrito por Sartre, faz parecer o animal político de Aristóteles menos político, e mais animal.

Max Weber, considerado um dos três pais fundadores da sociologia, diversas vezes em seus textos relaciona a íntima relação presente entre o Estado e a violência “Se não existissem instituições sociais que conhecessem o uso da violência, então o conceito de ‘Estado’ seria eliminado, e surgiria uma situação que poderíamos designar como ‘anarquia’, no sentido específico da palavra” (WEBER, 1982, P.98) ou seja, o uso da violência é imperativo para a manutenção da sociedade, violência essa que está fortemente relacionada com sua definição de poder, e que muitas vezes se confunde, o entendimento dos princípios de legitimação da autoridade por ele apresentado é ímpar para entendermos como violência e poder aparecem em seus textos.

O autor vê na violência uma forte ferramenta, intrínseca à política (e por isso ao poder também), sendo que em seu próprio entendimento sobre o Estado, esse é nada mais do que o monopólio do uso do vigor, ou seja, do controle absoluto dos meios de violência:

É absolutamente essencial para qualquer associação política recorrer a violência bruta dos meios coercitivos frente aos inimigos externos, bem como aos inimigos internos. Somente esse recurso mesmo a violência e que constitui uma associação política em nossa terminologia. O Estado é uma associação que pretende o monopólio do uso legítimo da violência, e não pode ser definido de outra forma (WEBER, 1982, p.383)

Claro que o Estado weberiano não é repressivo coberto de violência, como dito pelo autor “É claro que a força não é, certamente, o meio normal, nem o único, do Estado — ninguém o afirma — mas um meio específico ao Estado. Hoje, as relações entre o Estado e a violência são especialmente íntimas” (WEBER, 1982, p.98). O Estado seria o único que poderia utilizar o vigor para fazer valer sua vontade, os cidadãos então não teriam outra escolha a não ser aceitar a dominação.

Em sua perspectiva histórica, buscando compreender como os modos de associação entre grupos humanos se davam, já que o meio social é o resultado de ações individuais racionalmente orientadas, Max Weber introduz dominação, da seguinte forma “o Estado é uma relação de homens dominando homens, relação mantida por meio da violência legítima (isto é, considerada como legítima). Para que o Estado exista, os dominados devem obedecer a autoridade alegada pelos detentores do poder” (WEBER, 1982, p.98-99) e as fontes de legitimidade para o exercício da dominação pelos líderes podemos encontrar em três tipos “puros”⁶ seriam eles a tradicional, a carismática e a legal.

A dominação tradicional, é o tipo de dominação exercido pelo pai sobre família, pelo rei sobre seus súditos e pelo chefe sobre sua tribo é aquela “Primeira, a autoridade do ‘ontem eterno’, isto é, dos mores santificados pelo reconhecimento inimaginavelmente antigo e da orientação habitual para o conformismo” (WEBER, 1982, p.99), onde sua formação estava profundamente ligada no respeito pela autoridade de líder, afirmada pelos laços consanguíneos ou reconhecimento externo (reconhecimento de Deus, de um grupo específico), e que foi essa aceitação reforçada mediante a aceitação de outros e pelo respeito a essas mesmas tradições, é, como antes citada, facilmente encontrada no ambiente familiar.

A segunda dominação é chamada carismática, é aquela que recebe mais atenção nas obras weberianas, é exercida sobre o líder que possui um dom extraordinário de interação, algo

⁶ Importante notar que segundo Weber esses tipos raramente são encontrados puramente, mas eles se combinam, variam e se completam.

que foi revelado (com sentido religioso) ao povo, ou que fez algum ato de heroísmo, ou que ainda é um senhor da guerra, seu dom é algo muito pessoal, e é vislumbrado pela sua forte liderança individual, sobre isso nos fala o autor:

Os homens não o obedecem em virtude da tradição ou lei, mas porque acreditam nele. Quando é mais do que um oportunista limitado e presunçoso, o líder vive para sua causa e 'luta pela sua obra'. A dedicação de seus discípulos, seus seguidores, seus amigos pessoais do partido são orientados para a sua pessoa e para suas qualidades (WEBER, 1982, p.100)

São aqueles realmente dedicados às ideologias que pregam, que vivem sua vida em função de sua obra e que possuem o verdadeiro chamado da política.

E por último, o tipo de dominação que é baseada na racionalidade, no estatuto legal vigente, aquela que é especificamente moderna, é a dominação legal, que se encontra no direito normativo, é exercido pelo líder racionalmente escolhido (ou assim é de se esperar) e também por todo o corpo de funcionários do Estado que exercem esse poder geralmente de forma burocrática de acordo com os limites da lei, é a forma mais importante, pelo menos na atualidade.

Essa última forma de dominação, encontra na força física, ou como estamos chamando aqui, no vigor, a batuta que guiará os cidadãos, e o “O detentor do poder deve ser capaz de contar com a obediência dos membros do quadro, autoridades ou quem quer que seja” (WEBER, 1982, p.101) ou seja, em Weber o poder é tido como uma relação de autoridade e obediência, muito claro de ser visualizado em autores conservadores, como nos diz um dos principais gurus da direita, “É a obediência que define a situação da sociedade e que faz desta algo maior do que o "agregado de indivíduos " que a mente liberal percebe” (SCRUTON, 1944, p.75) valem-se, principalmente da primeira forma de dominação para reger e legitimar a sociedade e buscam nada mais do que obediência à tradição.

No âmbito social onde se situam as relações de Autoridade, tende a tornar-se crença que quem possui Autoridade tem o direito de mandar ou de exercer, pelo menos, o poder e que os que estão sujeitos à Autoridade têm o dever de obedecer-lhe ou de seguir suas diretrizes (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998,p.90)

Arendt não nega que a autoridade demanda, sempre, algum nível de obediência, mas que ela não ultrapasse sua alçada já que “*Since authority Always demands obedience, it is commonly mistaken for some form of power or violence. Yet authority precludes the use of external means of coercion; where force is used, authority itself has failed*” (ARENDT, 2000,

p.463)⁷ por enxergar uma forma específica de como a política deveria ser toda forma de relação de autoridade deve se basear apenas na união do grupo, não na violência ou poder que esse grupo possui.

O Estado weberiano é definido pelo monopólio da força (e não apenas ele), não apenas para ser utilizada externamente contra ameaças estrangeiras, mas para ser utilizada também na própria nação, contra inimigos do governo, se o Estado necessita usar violência para a manutenção do poder, então esse Estado não possui poder nenhum, “O ser político, o viver numa *polis*, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não através de força ou violência” (AREDNT, 2007, p.35) centralizar a discussão do poder em volta do pilar da coerção violenta, ou força estatal é negar as origens da política grega que Arendt tenta resgatar.

Karl Marx é sem dúvida um autor polêmico, junto com Friedrich Engels, fundou os pilares do socialismo científico, partido de sua análise histórica e crítica do capital, seus estudos tornaram-se uma frente de combate acadêmico para os estudiosos mais críticos do capitalismo, e também para todo um conjunto de trabalhadores, que, apoiados nas análises de Marx, e de muitos dos seus seguidores, lutam por condições mais justas de trabalho, ou até mesmo em níveis mais extremos, contra a superação do capital (uma das consequências do próprio capitalismo segundo Marx).

Para Marx a violência era uma poderosa ferramenta, em posse do governo, que estava nas mãos dos poderosos, estas influentes figuras (a burguesia, identificados como os donos dos meios de produção) utilizavam o Estado para oprimir os trabalhadores (proletariado), “Na prática política tomam por isso parte em todas as medidas violentas contra a classe operária” (MARX; ENGELS, 1997, np.), ou seja, várias violências seriam perpetradas contra o proletariado, tanto a violência do capital (por receberem menos do que mereciam), a violência simbólica (por serem reduzidos a mera força de trabalho), e a violência física avalizada pelo Estado através de, entre outras coisas, regulamentação do salário e repressão de movimentos grevistas:

A organização do processo capitalista de produção desenvolvido quebra toda a resistência; a constante geração de uma superpopulação relativa mantém a lei da oferta e da demanda de trabalho, e, portanto, o salário, nos trilhos convenientes às necessidades de valorização do capital; a coerção muda exercida pelas relações econômicas sela o domínio do capitalista sobre o trabalhador. A violência extraeconômica, direta, continua, é claro, a ser empregada, mas apenas

⁷“Já que autoridade sempre demanda obediência, é comumente confundido com alguma forma de poder ou violência. No entanto, a autoridade impede o uso de meios externos de coerção; onde a força é utilizada, a própria autoridade falhou” (tradução nossa).

excepcionalmente (MARX, 2017, p.983-984)

Segundo o autor alemão essa violência praticada contra os menos favorecidos é muito mais antiga, remonta a períodos antigos, “Na história real, como se sabe, o papel principal é desempenhado pela conquista, a subjugação, o assassinio para roubar, em suma, a violência”. (MARX, 2017, p.960) e toda esse processo se iniciou quando os que os que possuíam os meios de violência da época resolveram ampliar suas terras e produções:

Assim, a população rural, depois de ter sua terra violentamente expropriada, sendo dela expulsa e entregue à vagabundagem, viu-se obrigada a se submeter, por meio de leis grotescas e terroristas, e por força de açoites, ferros em brasa e torturas, a uma disciplina necessária ao sistema de trabalho assalariado (MARX, 2017, p.983)

Então a partir desse movimento violento de expulsão e submissão dos mais fracos a leis consideradas injustas foram, segundo Marx, as bases para o Estado moderno e o trabalho, preso a partir de leis inadequadas e toda tentativa de melhora é abafada pelos meios coercitivos exercidos pelo Estado o trabalhador se vê entrelaçado em uma relação de dependência do capital, pois é garantido para ele que essa seria a única forma de ascensão, se render ao capital.

Apesar de colocar a violência em uma posição de destaque, de certa forma como um motor que impulsiona as relações entre burguesia e proletariado, seriam as complicações do próprio capitalismo que o conduziria a seu fim. No mesmo tópico, mais voltado para a indústria bélica o sempre esquecido Engels diz algo com o mesmo intuito, segundo o autor,

Os exércitos se converteram na principal finalidade dos Estados, como um fim em si mesmos. Os povos existem hoje só para fornecer soldados e para sustenta-los. O militarismo domina e devora a Europa. Mas este militarismo traz já em seu seio o germe de sua própria ruína (ENGELS, 1875, p.336)

Assim como Engels previra que o crescente militarismo europeu seria a causa da destruição da Europa, Marx acreditava que as contradições presentes no capitalismo fariam o próprio acabar. Temos uma clareza que Marx não ficou conhecido por propor uma aceleração da queda do capitalismo por meios pacíficos, como vimos os detentores da violência fizeram um abandono rural acontecer, segundo o autor acabando com o feudalismo e segundo ele, “As armas com que a burguesia deitou por terra o feudalismo viram-se agora contra a própria burguesia” (MARX; ENGELS, 1997, np.) a grande responsável pelo levante seria a violência imposta pelo capitalismo.

Então a sociedade capitalista foi forjada a fogo e sangue pela violência, e pela violência, que forjou a classe proletária, o capitalismo será superado, e através da violência é que a ordem será mantida:

Se o proletariado na luta contra a burguesia necessariamente se unifica em classe, por uma revolução se faz classe dominante e como classe dominante suprime violentamente as velhas relações de produção, então suprime juntamente com estas relações de produção as condições de existência da oposição de classes, as classes em geral, e, com isto, a sua própria dominação como classe (MARX; ENGELS, 1997, np.)

Não seria então errado afirmar que a violência ocupa sim uma grande parte da teoria marxista: é na violência que o autor enxerga de fato a superação do capitalismo, por meio de uma revolução sangrenta comandada pelo proletariado, é por ela que o autor vê a renovação de uma sociedade, “A violência é a parteira de toda sociedade velha que está prenhe de uma sociedade nova” (MARX, 2017, p.998) a violência além de ocupar um lugar de controle e domínio, também ocupa um lugar de renovação. Alguns outros autores acreditam que apenas a luta através da violência pode gerar frutos para uma transformação da sociedade e é por muitas vezes visto uma certa glorificação da violência, colocando ela em meio a atos heroicos e a única capaz de desatar os nós da dominação “e se é verdade que o uso da violência contra a violência implica o risco de perpetuá-la, é verdade também que é o único meio de detê-la” (SARTRE, 1989, p.211), essa queda de braços torna-se um jogo de fogo contra fogo, apenas aumentando o incêndio.

Frantz Fanon também é conhecido por partilhar que a superação do *status quo* só poderia se dar através da violência, em sua vida assistiu a depredação de seu País pelos colonos, o rebaixamento dos nativos originais através de métodos agressivos, participou ativamente da guerra de libertação da Argélia, e a violência era sua arma de descolonização. Fanon fez da descolonização um dos seus principais assuntos de análise, seus textos apaixonados denotam que, para garantir a total erradicação do pensamento colonial, era preciso se doar totalmente pela causa,

Exposta em sua nudez, a descolonização deixa entrever, através de todos os seus poros, granadas incendiárias e facas ensanguentadas. Porque se os últimos devem ser os primeiros isto só pode ocorrer em consequência de um combate decisivo e mortal, entre dois protagonistas. Esta vontade de: fazer chegar os últimos à cabeça da fila, de os fazer subir com cadência (demasiado rápida, dizem alguns) os famosos escalões que definem uma sociedade organizada, só pode triunfar se se lançam na balança todos os meios, inclusive a violência, evidentemente (FANON, 1997, p.27)

Para combater a violência que sofre, o colonizado deve devolver essa violência aumentada muitas vezes mais. Para ele a luta é muito mais do que uma simples ideologia, é a ressignificação do nativo pelo direito à sua terra e para isso, primeiramente expulsar o invasor

é uma tarefa urgente. Falando sobre a estruturação das cidades na colônia Fanon passa toda a opressão que sente de seu povo, eles, os colonizados não são bem-vindos nas zonas de morada, “A cidade do colono é uma cidade de brancos, de estrangeiros” (FANON, 1997, p.29), temos que entender que por colono, Fanon também se refere aqueles que nasceram no País, porém não são seus nativos originários, foram pessoas que vieram ultramar e reivindicaram, através do Vigor, as posses daquelas terras, incorporando suas culturas, leis e modos de vida ao lugar, forçando inclusive, estas nos nativos.

Se vendo despido de sua cultura e em sua maioria vivendo em uma situação abaixo do colono, Fanon descreve a cidade do colonizado como “É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros, as casas umas sobre as outras” (FANON, 1997, p.29), é um mundo de suor e cansaço, onde todo dia, segundo o autor, o colonizado sonha para estar no lugar do Colono, comer sua comida e viver sua vida, a luta pela descolonização não é apenas sobre readquirir sua cultura em sua máxima plenitude, é também gozar de um estilo de vida que, na cabeça do colonizado, apenas o colono teria direito, e para isso, o colonizado está disposto a utilizar todos os meios que lhe forem possíveis:

O colonizado que resolve cumprir êste programa, tornar-se o motor que o impulsiona, está preparado sempre para a violência. Desde: seu nascimento percebe claramente que este mundo estreito, semeado de interdições, não pode ser reformulado senão pela violência absoluta (FANON, 1997, p.27)

A violência foi tudo que o colono passou para os colonizados, então por que seria diferente que, para sua libertação ele utilizasse a ferramenta mais bem-sucedida que já conheceu? Ora, Arendt explicita muito bem o pensamento de Lord Cromer⁸ sobre a utilização de violência da metrópole para manutenção de suas colônias,

O temido efeito *boomerang* do ‘governo das raças subjugadas’ (Lord Cromer) sobre o governo da metrópole, durante a era imperialista, significava que o domínio pela violência em terras distantes terminaria por afetar o governo da Inglaterra, que a última ‘raça subjugada’ seriam os próprios ingleses (ARENDR, 1994, p.42-43)

Marx e Weber concordam quando afirmam que o Estado utiliza a violência para manter a ordem na sociedade, d’Entreves sintetiza o pensamento dos dois (que é a aceitação geral quando se trata de violência e Estado), falando que “The State is force, but qualified force: force

⁸ Evelyn Baring, primeiro conde de Cromer, foi um administrador e diplomata inglês, que governou o Egito como agente do consulado britânico. Para mais informações <<https://www.britannica.com/biography/Evelyn-Baring-1st-Earl-of-Cromer>>

exercised 'in the name of the law'" (D'ENTREVES, 1969, p.3)⁹ a justificação do uso da força, então seria a lei. Marx vai um pouco além e afirma que essa violência é orquestrada pelo Estado para oprimir a classe trabalhadora, Weber acredita que a violência e dominação são necessários para a manutenção da ordem na sociedade, ambos põem a violência equacionada ao poder, apesar dessa não ser, segundo esses autores, o pilar central de suas obras, ela permeia e está sempre à espreita, esperando uma justificação, pois a violência sempre tem que ser justificada, como veremos a frente.

A violência é conectada ao poder, pois ela seria como uma cola, manteria o poder unido e intacto:

Visto que nas relações internacionais, tanto quanto nos assuntos domésticos, a violência aparece como o último recurso para conservar intacta a estrutura de poder contra contestadores individuais – o inimigo externo, o criminoso nativo –, de fato é como se a violência fosse o pré-requisito do poder, e o poder, nada mais do que uma fachada, a luva de pelica que ou esconde a mão de ferro, ou mostrará ser um tigre de papel (ARENDT, 1994, p.38)

Sorel é um autor que vê na violência não só uma poderosa ferramenta de libertação, mas também algo que irá revitalizar a vida dos trabalhadores e da sociedade ao redor

Proletarian violence, carried on as a pure and simple manifestation of the sentiment of class struggle, appears thus as a very fine and heroic thing; it is at the service of the immemorial interests of civilization; it is not perhaps the most appropriate method of obtaining immediate material advantages, but it may save the world from barbarism (SOREL, 1999, p.85)

Para esses autores, a violência tem uma função que beira o heroísmo, e essa visão de que apenas a violência liberta é fundamentalmente apoiada pela visão de mundo de Jean-Paul Sartre que diz “Reconheço que a violência, sob qualquer forma que se manifeste, é um fracasso. Mas um fracasso inevitável, pois vivemos num universo de violência” (SARTRE, 1989, p.211) esse modo de ver a violência, glamourizada é totalmente reprovada por Hannah Arendt:

Poucos autores de estatura glorificam a violência pela violência; mas estes poucos – Sorel, Pareto, Fanon – foram motivados por um ódio muito mais profundo contra a sociedade burguesa, e foram conduzidos a uma ruptura muito mais radical com seus padrões morais do que a esquerda convencional, que era principalmente inspirada pela compaixão e por um ardente desejo de justiça (ARENDT, 1994, p.49)

Para Arendt, nunca existiu um tipo de governo totalmente baseado nos meios de

⁹ “O Estado é força, mas uma força qualificada: força exercida ‘em nome da lei’” (tradução nossa).

violência, todo e qualquer governo que já existiu, até o mais despótico necessita de uma base de colaboradores para funcionar, um número reduzido de pessoas pode governar um grande número de pessoas, mesmo contra sua vontade, mas baseado num tipo de oligarquia, onde partilhando de interesses e obtendo uma aceitação, não era baseada apenas em armas,

Mesmo a dominação mais despótica que conhecemos, o domínio do senhor de escravos, que sempre o excederam em número, não se amparava em meios superiores de coerção enquanto tais, mas em uma organização superior do poder – isto é, na solidariedade organizada dos senhores (ARENDT, 1994, p.40)

Temos que lembrar que a violência arendtiana não se dá em forma de números, mas sim da aplicação de instrumentos de violência. O poder surge dependendo de quão bem organizado estão os membros dessa oligarquia, e quão bem aceitos eles são em seu meio, o quanto as pessoas os aceitam: “Um grupo de homens relativamente pequeno, mas bem organizado, pode governar, por tempo quase indeterminado, vastos e populosos impérios; a história registra não poucos exemplos de países pequenos e pobres que levam a melhor sobre nações grandes e ricas” (ARENDT, 2007, p.212-213), a autora abre a possibilidade da política aqui não ser necessariamente igual aos gregos, discutindo tudo em praça pública, mas a forma de governo ainda se pauta na união.

Apesar desse pequeno grupo ser também detentor dos meios de violência, não é ela quem é o pilar de sua sociedade, e nem de nenhuma outra comunidade, pois apenas “o poder é de fato a essência de todo governo, mas não a violência. A violência é por natureza instrumental; como todos os meios ela sempre depende da orientação e da justificação pelo fim que almeja” (ARENDT, 1994, p.40-41) pois a violência sempre precisa ser justificada (sem a pretensão de colocar qualquer juízo de valor, não é levado em conta se a justificativa é correta ou não), é necessário se utilizar dela para manter a ordem, para proteger o país, a violência (e aí há uma concordância entre Walter Benjamin e Hannah Arendt) se encontra sempre nos meios “A violência, inicialmente, só pode ser procurada na esfera dos meios, não na dos fins” (BENJAMIN, 1986, p.160), ela não é o objetivo, é o caminho para alcançá-lo.

Falar que a violência não é um objetivo e sim um meio para se alcançar as coisas. Fica mais fácil entendermos se visualizarmos uma guerra e seus propósitos (já estabelecida aqui como o ápice de um ato de violência que um país possa impor a outro ou a si mesmo):

A guerra não é um passatempo. Não é uma mera alegria de ousar e vencer, não há lugar para entusiastas irresponsáveis. É um meio sério para atingir um fim sério e toda a sua semelhança pitoresca com um jogo de azar, todas as vicissitudes da paixão, da coragem, da imaginação e do entusiasmo que ela contém, são simplesmente as suas

características especiais (CLAUSEWITZ, 1832, p.90)

Esse combate é travado com um objetivo em mente, e comumente esse objetivo é a paz, seja por meio da derrota do grupo inimigo, da aquisição econômica realizada durante a guerra, da prospecção de novas terras, entre vários objetivos que uma guerra pode ter, ela é sempre um meio para alcançar um objetivo maior “O fim da guerra – fim tomado em seu duplo sentido – é a paz ou a vitória; mas para a questão ‘e qual é o fim da paz?’ não há resposta. A paz é um absoluto, mesmo se na história registrada os períodos de guerra quase sempre superaram os períodos de paz” (ARENDT, 1994, p.41), a paz é uma categoria absoluta, não necessita de justificativa.

O poder, segundo Hannah Arendt, entra na mesma categoria, ele é um fim em si mesmo, justificativa para ele existir também não se faz necessária, ele é um elemento que surge quando um grupo de pessoas organizadas entram em concordância e começam a agir pelo bem comum, “Mas a própria estrutura de poder precede e supera todas as metas, de sorte que o poder, longe de ser o meio para um fim, é de fato a própria condição que capacita um grupo de pessoas a pensar e agir em termos das categorias de meios e fins.” (ARENDT, 1994, p.41) o que ele necessita então é de legitimidade, se as pessoas do entorno estão afinadas com o modo com o que o grupo está agindo.

Segundo Arendt, quando a legitimidade é desafiada, ela busca sua justificação no passado, lembramos o que fala Benjamin Constant sobre a vida dos antigos nas cidades, eles decidiam absolutamente tudo político (e muitos aspectos da vida privada) em conjunto, apesar de conviverem sazonalmente com períodos de violência, essa servia para que pudessem manter seu estilo de vida, não o contrário, não faziam da violência seu estilo de vida.

O contrário do que vemos em Marx e Weber, onde a violência é o pano de fundo das ações políticas, Arendt diz que, a violência vai surgindo aos poucos onde o poder está sendo perdido, é mais fácil e rápido ver resultados quando impostos por meios violentos do que pela ação coletiva, que por demandar movimentação de toda a sociedade, é mais demorada.

Para Arendt é insuficiente apenas constatar que violência e poder não são os mesmos, cada um pertence a seu próprio universo, a autora ainda ressalta que a violência, em algumas situações, não é apenas aceitável como necessária, “Ninguém questiona o uso da violência em defesa própria porque o perigo é não apenas claro, mas também presente, e o fim que justifica os meios é imediato” (ARENDT, 1994, p.41), mas a afirmação é exceção, e não regra.

O que também não quer dizer que o excesso de poder não constitua um perigo para a comunidade,

Um domínio legalmente irrestrito da maioria, uma democracia sem Constituição, pode ser muito formidável na supressão dos direitos das minorias e muito efetivo em sufocar o dissenso sem qualquer uso da violência. Mas isso não significa que violência e poder sejam o mesmo (ARENDT, 1994, p.35)

O objetivo de Arendt não é demonizar a violência, equipara-la à expressão da maldade absoluta, sua meta é mostrar que o pensamento corrente (que dura certamente até os dias atuais), defendido por grandes nomes, que equipara Poder e Violência não está correto, pelo menos em sua totalidade, onde a violência governa, não há Poder, não há como estabelecê-lo, e é muito mais fácil obter resultados a curto prazo onde a aplicação do governo ocorre através da violência pura, o que não se obtém é poder.

3.3 A Banalidade do Mal e a Burocracia

Outro fenômeno que a autora também abordou foram os conjuntos de ações, principalmente de ordem burocrática que foram em grande parte implementadas pela *Schutzstaffel*, a unidade paramilitar que estava diretamente subordinada à Hitler, também conhecida como SS, “Pois o juramento feito pelos membros da SS era diferente do juramento militar dos soldados, na medida em que os ligava a Hitler e não à Alemanha” (ARENDT, 1999, p.166). Eles estavam divididos em várias unidades, sendo a maioria para lidar com assuntos de escritórios (em sua maioria contribuindo para o extermínio do povo Judeu), nesse conjunto de ações sistemáticas a autora encontrou um fenômeno que acabou sendo chamado de Banalidade do Mal.

Foi na cobertura e análise do julgamento de um dos membros da SS que Hannah Arendt percebeu talvez uma das mais nefastas realidades vivenciadas na Segunda Guerra Mundial, aqueles homens que cometeram atos bárbaros não eram tão monstruosos quanto imaginavam,

[...] não era aquilo que chamava de *innerer Schweinehund*, um bastardo imundo; e quanto sua consciência, ele se lembrava perfeitamente de que só ficava com a consciência pesada quando não fazia aquilo que lhe ordenavam – embarcar milhões de homens, mulheres e crianças para a morte, com grande aplicação e o mais meticuloso cuidado. Isso era mesmo difícil de engolir. Meia dúzia de psiquiatras haviam atestado a sua ‘normalidade’ – ‘pelo menos, mais normal do que eu fiquei depois de examiná-lo’, teria exclamado um deles, enquanto outros consideraram seu perfil psicológico, sua atitude quanto a esposa e filhos, mãe e pai, irmãos, irmãs e amigos, ‘não apenas normal, mas inteiramente desejável’ - e por último, o sacerdote que o visitou regularmente na prisão depois que a suprema corte terminou de ouvir seu apelo tranquilizou a todos declarando que Eichmann era ‘um homem de ideias muito positivas’ (ARENDT, 1999, p.37)

Aqueles que faziam coisas tão horrendas contra todo um grupo de minorias e

esforçavam-se para aplicar a Solução Final¹⁰, de tornar a Alemanha “judenrein”¹¹, representados ali em Eichmann, não eram psicopatas, nem antissemitas por vontade própria, ou que possuíam algum tipo de descontrole mental. A grande descoberta de Arendt foi de que esses homens eram normais, em suas cabeças estavam apenas cumprindo funções não muito diferentes de qualquer outro escritório normal, quando na verdade seu trabalho era, no caso de Eichmann, organizar o transporte mais rápido, barato e eficiente para transportar os Judeus para os campos de concentração, levando-os para a morte.

A burocracia pode ser descrita como uma importante ferramenta utilizada para reger uniformemente os processos. Ela visa acelerar e padronizar o atendimento e rapidamente alcançar a demanda pelo qual uma pessoa tem que recorrer para determinado fim, a burocracia é aplicada nos diversos segmentos de uma sociedade, a lei que a regula deve estar previamente escrita e de fácil acesso para todos,

Da administração pública à gestão dos negócios privados, da máfia à polícia, dos cuidados com a saúde às práticas de lazer, escolas, clubes, partidos políticos, igrejas, todas as instituições, tenham elas fins ideais ou materiais, estruturam-se e atuam através do instrumento cada vez mais universal e eficaz de se exercer a dominação que é a burocracia (QUITANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2003, p.131)

Quando aplicada nessa forma da lei e por base das normas administrativas, voltadas para os assuntos públicos, a ferramenta burocrática é a estrutura pela qual os funcionários do Estado realizam suas funções em determinado território para atender os anseios da sociedade que ali habita, quando é voltado para o privado, visa atender, agilizar e maximizar o lucro da empresa no qual trabalha.

Para melhor trabalhar com o tema, a burocracia pode ser dividida em quatro categorias, sendo elas, a hierarquia, a especialidade, a impessoalidade e a formalidade, todas essas juntas, somadas a aplicações de outras técnicas nos apresenta um modo rápido, uniforme e estável de regimento do Estado ou de empresas.

Os princípios hierárquicos se fazem presentes pois há uma ocupação por parte dos servidores, de funções e cargos fixos e pré-estabelecidos, que seguem uma ordem lógica, de subordinação e chefia, coordenados de maneira tal que há uma relação de supervisão dos cargos inferiores por parte das superiores, todas as funções são estabelecidas de acordo com a posição do funcionário por via de regra ou norma.

¹⁰ A Solução Final foi um conjunto de medidas para eliminar sistematicamente os prisioneiros judeus que estavam em campos de concentração.

¹¹ “Livre de Judeus” (tradução nossa)

O princípio da especialidade nos diz que o funcionário que ocupa determinado cargo dentro do sistema burocrático tem esse como seu único ou principal emprego, é especialista naquilo que faz (ou deveria ser), fato que pode ser comprovado por meio de diploma e pela prestação de um teste (concurso) para constatar que ele é apto para assumir o cargo que ocupa e que realizara todas as suas funções como mandam as regras.

A impessoalidade é característica marcante no processo burocrático, pois afasta o indivíduo de seu ambiente privado e o leva ao ambiente funcional oficial, onde o agente separa suas emoções de suas obrigações e atende o público de uma maneira uniforme; assim, “separar” o agente de suas emoções garantem melhor eficácia no trabalho e atendimento igualitário.

Quanto ao princípio da formalidade, todo processo administrativo é conduzido por via de regra, seguindo uma padronização, assim toda gama de serviços produzida pelo funcionário deve ser documentada, mesmo que esse seja oral, e não pode deixar margem para dúvidas interpretações assim facilitando a busca e comunicação na hora de repassar a informação, essa ação de documentar ajuda a criar uma rotina no molde de formalização, o que ajuda a “mascarar”¹² as atividades burocráticas. Assim, seguindo a formalização, não importa a pessoa que está exercendo, pois, todo o processo está formalizado e padronizado, seguindo um caminho definido, apenas executado pelo funcionário.

Todas essas características se fazem presentes tanto em estruturas públicas e privadas, todos os funcionários recebem um salário por seus serviços prestados e geralmente no serviço público e exército são impedidos de exercerem outras funções, ou possuir meios de produção, estabelecendo uma profissionalização no sistema burocrático. Todo esse sistema gera uma previsibilidade, que é possível principalmente por meio da disciplina.

Segundo Foucault a disciplina como um conjunto de ferramentas técnicas para aperfeiçoar o indivíduo seria uma forma de condicionar o corpo e mente dos sujeitos para agir de determinada forma. Em dada situação, os agentes são treinados para agir nessas determinadas situações, como aquele sujeito franzino que nos tempos mais antigos não teria serventia para o serviço militar, depois de aplicada esse conjunto de técnicas, o indivíduo se veria apto para servir esse novo propósito, “Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil, ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 1999, P.117). Direcionado para os setores burocráticos, a disciplina rege os movimentos dos funcionários públicos, os guiam da

¹² Mascarar em termos de amenizar, tornar rotineiro, tirar o foco da seriedade e peso do que o trabalho representa, tanto que, acredito que se perguntarmos para um funcionário, o porquê de toda documentação, desconfio que ele não saberia objetivamente o sentido da mesma.

melhor maneira possível para obedecer e concluir os deveres a eles conferidos, sem grandes ou nenhum questionamento.

Sobre a burocracia, Arendt enxerga um perigo tremendo, pois como a burocracia é um complexo sistema de delegações, onde há normas e hierarquias, a autora vê que, em algum momento este sistema leve a lugar nenhum, que o processo fique tão mecanizado que, quando procurarmos o responsável por determinado processo, não o encontremos,

Em uma burocracia plenamente desenvolvida não há ninguém a quem se possa inquirir, a quem se possam apresentar queixas, sobre quem exercer as pressões do poder. A burocracia é a forma de governo na qual todas as pessoas estão privadas da liberdade política, do poder agir; pois o domínio de Ninguém não é um não-domínio, e onde todos são igualmente impotentes temos uma tirania sem tirano (ARENDT, 1994, p.58-59)

O domínio de Ninguém é como a autora chama um governo que é regido apenas por processos burocráticos, sem nenhuma autoridade para prestar contas pelos resultados, mesmo falando de uma situação fictícia é fácil correlacionar isso com o que foi alegado pelos Nazistas, eles apenas repetiam que estavam seguindo ordens, e muitas vezes não sabiam (ou não queriam) apontar de onde vieram tais ordens, e muitas vezes era levantada a bandeira de que sofreriam graves consequências se não seguissem as ordens que lhes eram dadas, mas isso logo é descartado pois “Nos documentos de Nuremberg, ‘não se encontrou nenhum caso de membro da SS que tenha sofrido pena de morte por se recusar a participar de uma execução’” (ARENDT, 1999, p.107). O que foi feito, foi feito de plena consciência, mesmo que naquela época tudo estivesse invertido.

[...] pois quando falo de banalidade do mal, falo num nível estritamente factual, apontando um fenômeno que nos encarou de frente no julgamento. Eichmann não era nenhum lago, nenhum Macbeth, e nada estaria mais distante de sua mente do que a determinação de Ricardo III de ‘se provar um vilão’. A não ser por sua extraordinária aplicação em obter progressos pessoais, ele não tinha nenhuma motivação (ARENDT, 1999, p.310)

A combinação da Burocracia com a frieza lógica para alcançar resultados foram os principais executores do Holocausto, tudo resolvido na ponta do lápis, um tipo de violência que seus perpetradores nem se deem conta, ou não se importem ao ponto de realizar o que estão fazendo, pois tudo faz parte de uma série de processos que tem que ser rapidamente executados.

4 A TÉCNICA APLICADA A VIOLÊNCIA

Outra forma de violência, essa mais direta e gráfica (que é bem vista e facilmente reconhecível), é a que está presente nos conflitos bélicos. Essa que foi chamada por Von Clausewitz como uma forma de continuação política por outros meios, a guerra. Ela está presente na história da humanidade há muito tempo e tem sido juiz dos conflitos, principalmente entre países, seja por discordâncias, riquezas, terras ou até mesmo para o enfrentamento de políticas ideológicas.

Hannah Arendt em seu livro “Da violência” não discute a guerra ou seus propósitos em si, mas os instrumentos pelos quais a violência é implementada, a guerra já não se luta com espadas e ferramentas que hoje são consideradas mais rudimentares, e para Hannah Arendt, assim como para Friedrich Engels, a violência é aplicada através de seu sentido instrumental, “O que nos ocorre em primeiro lugar, naturalmente, é o tremendo aumento de poder humano de destruição, o fato de que somos capazes de destruir toda a vida orgânica da Terra e de que, algum dia, provavelmente seremos capazes de destruir a própria Terra” (ARENDT, 2007, p.281), são as “máquinas” que propiciam o aumento do Vigor, ou até mesmo sua substituição, e é visto com preocupação por Arendt,

O desenvolvimento técnico dos implementos da violência alcançou agora o ponto em que nenhum objetivo político poderia presumivelmente corresponder ao seu potencial de destruição, ou justificar seu uso efetivo no conflito armado. Assim, a guerra – desde tempos imemoriais, árbitro último e implacável em disputas internacionais – perdeu muito de sua eficácia e quase todo o seu fascínio (ARENDT, 1994, p.13)

A situação de guerra, para Arendt, está colocada em um ambiente onde “se alguém ‘vencer’ é o fim para ambos” (ARENDT, 1994, p.13), para ela as armas estão bastante avançadas, principalmente com as demonstrações bélicas da segunda guerra mundial e os agentes químicos utilizados nas florestas do Vietnã. A Segunda Guerra Mundial foi onde as máquinas modernas de guerra foram largamente difundidas, onde duas ogivas nucleares foram detonadas no Japão e seu poder de destruição deixou o mundo espantado, pois pela primeira vez a humanidade se sentiu realmente aterrorizada com seu maquinário, capaz de acabar com milhares de vidas instantaneamente, e provocar sequelas irreparáveis nos sobreviventes, ela não foi só uma guerra para superar os inimigos no campo de batalha, também foi uma guerra para superá-los na ciência, e seu ponto mais alto, foi a deflagração da bomba nuclear *Little Boy* em Hiroshima, mostrando ao mundo o horror nuclear. Hoje em dia a potência das armas nucleares seriam suficientes para erradicar a vida na terra, “Nas palavras do físico russo Sakharov, ‘uma guerra termonuclear não pode ser considerada uma continuação da política por outros meios (de acordo com a fórmula de Clausewitz) – ela seria um meio para o suicídio universal’”

(ARENDT, 1994, p.17), é inegável o poder de fogo que a tecnociência revelou para os seres humanos.

A ciência nos permite dar passos que antes eram impossíveis ou requeriam uma dificuldade imensa. Graças ao avanço da técnica, podemos viver mais, conservar melhor nossos alimentos, modifica-los para que produzam certo tipo de vitamina, em suma, não apenas domamos a natureza, nós também estamos modificando-a para que atenda melhor as nossas demandas, mas dominar não é suficiente, temos que dar nosso toque, “melhorar” a natureza, “pois o progresso como viemos a entendê-lo, significa crescimento, o processo implacável de ser mais e mais, maior e maior” (ARENDT, 1994, p.60).

Assim como Arendt (no tocante aos instrumentos de violência), o autor John Gray não vê com bons olhos o progresso que a ciência vem realizando, o desenvolvimento da ciência para Gray significaria o desenvolvimento de melhores e mais eficientes técnicas para a destruição

[...] *pogroms* são tão velhos quanto a cristandade; mas sem estradas de ferro, telégrafo e gás venenoso não poderia ter havido nenhum Holocausto. Tiranias sempre existiram, mas sem modernos meios de transporte e comunicação Stalin e Mao não poderiam ter construído seus gulags. Os piores crimes da humanidade só foram possíveis devido à tecnologia moderna (GRAY, 2005, p.30-31)

Os perigos da técnica aparecem principalmente ligados a funções que parecem estritamente burocráticas, e essa como vimos afasta os sentimentos das pessoas de suas funções, não há um julgamento de valor, não há nada a fazer senão seu trabalho, as consequências não são medidas, por mais bárbaras que possam ser, não porque a pessoa é um ser cruel, sádico ou possui algum tipo de maldade intrínseca, aquele seria seu trabalho, sua obrigação,

[...] como fazia para eliminar cinco mil pessoas por dia e, especialmente, o que sentia. Franz Stangl não entendia a pergunta e continuava a repetir a mesma ladainha: ‘chegavam três mil pessoas às onze da manhã, que deviam ser eliminadas até às três da tarde, porque outras duas mil chegavam e deviam ser eliminadas até o dia seguinte. O método havia sido criado por Wirth. Funcionava. E uma vez que funcionava, era irreversível. Executá-lo era o meu ‘trabalho’ (*Arbeit*) (GALIMBERTI, 2003, p.15)

Diante da destrutibilidade dos meios de violência atuais, nada pode ser feito, cada país desenvolve sua própria arma de destruição em massa, que teve na guerra fria seu desenvolvimento mais rápido, naquela época, a corrida pela superioridade técnica entre Estados Unidos e a União Soviética: “À Segunda Guerra Mundial não se seguiu a paz, mas uma guerra fria e o estabelecimento do complexo de trabalho industrial-militar” (ARENDT, 1994, p.17),

acabaram por desenvolver diversos tipos de armamentos, cada um mais destrutivo e perigoso que o outro.

Isso surpreenderia e muito Engels, que acreditava que em seu tempo nada mais poderia ser feito para o aprimoramento ou desenvolvimento de novos tipos de armamento,

Em primeiro lugar, as armas adquirem um tal grau de aperfeiçoamento que nenhum progresso é já possível capaz de revolucionar este setor. Quando já se dispõe de canhões capazes de alvejar um batalhão tão logo seja divisado a olho nu à distância, e fuzis, que permitem fazer o mesmo tendo como objetivo um homem isolado e nos quais se demora menos tempo em carregar, que em fazer a pontaria, todos os progressos que possam ainda ser feitos nas artes da guerra são de menor importância. Neste aspecto, podemos dizer que a era do progresso está mais ou menos terminada, pelo menos em sua parte essencial (ENGELS, 1875, p.336)

Onde antes era necessário haver um “olho nu” para alvejar o inimigo, miras telescópicas, câmeras e satélites fazem o serviço (e por mais que esses instrumentos não sejam violentos em si, a guerra a distância possui fundamentalmente sua contribuição), não é mais necessário que um humano esteja no lugar para puxar o gatilho, bombas, mísseis e torpedos são disparados de uma distância segura, sem risco de morte para quem dá a ordem ou a cumpre.

O constante progresso da técnica incomoda esses autores pelo fato de que a violência é uma das mais beneficiadas por suas descobertas, mesmo que elas visem algo aparentemente inofensivo “A engenharia genética pode permitir que as doenças da velhice sejam erradicadas. Ao mesmo tempo, é provável que venha a ser a tecnologia predileta em futuros genocídios” (GRAY, 2005, p.30), para esses autores, o constante desenvolvimento da tecnociência é apressar os meios para acabar com a Terra.

Arendt não explora de maneira específica como o desenvolvimento da técnica influi diretamente na violência (apesar de deixar claro que a violência ocorre através de instrumentos), ou de que modo específico os Países utilizam essas tecnologias, em seu texto, apenas fala, superficialmente, em como estas tecnologias são suficientes para acabar com o mundo como o conhecemos caso eles resolvam utilizar, e apesar dos avanços e desenvolvimento das armas nucleares, não houveram, depois de Hiroshima e Nagasaki, mais detonações desse tipo de arma.

O avanço tecnológico dos meios de violência merecem um estudo particular, vivemos em uma sociedade que convive diariamente com a tecnologia, ela deixou de ser uma aspiração de livros de ficção científica e tornou-se nossa realidade, esse estudo se faz necessário, ainda mais em tempos virtuais, onde estão hoje os principais meios de comunicação, é um lugar onde a informação flui com mais rapidez, e onde novos tipos de violência surgem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo focou-se no pensamento que Hannah Arendt possui sobre Poder e Violência, e também em como os outros autores fazem esses dois conceitos parecerem um só, como se só pela violência a capacidade de administrar politicamente um Estado fosse possível, sendo o poder de alguma forma um pensamento abstrato a violência seria de alguma forma a concretização do Poder, o meio pelo qual a sociedade se mantém coesa.

E quando falamos de violência para manter a coesão estatal não apenas consideramos aquela explícita, de botas marchando pela rua e o sangue derramado nas calçadas, também temos que pensar no cerceamento de direitos, na opressão social das minorias e todos os outros aparatos que negam a um grupo ou parte dele a possibilidade de participar inteiramente da sociedade.

Um ponto importante, é que poder e violência são termos recorrentes no cotidiano, e por isso todo o cuidado é necessário, esses temas, abordados ao longo do trabalho tiveram que ser devidamente conceituados, segundo o entendimento da autora, pois o uso das palavras são arbitrárias, cada autor designa a palavra o sentido que lhe convém, e essa falta de métrica é logo superada no primeiro capítulo desse trabalho, pois logo conceituamos as palavras segundo o sentido empregado por Arendt, para assim dar a discussão uma base sólida para os assuntos que foram discutidos.

Grande parte do trabalho é focado na diferenciação dos termos (principalmente dos termos principais, poder e violência), utilizando em contrapartida os estudos de dois expoentes da ciências sociais, Max Weber e Karl Marx, que consideram poder e violência, como sinônimos ou como fenômenos que asseguram a manutenção um do outro, algo que é prontamente descartado por Arendt, e é nesse ponto que foca o trabalho, a deixar claro que esses termos, apesar de aparecerem juntos na maioria dos casos, não são de maneira nenhuma sinônimos.

Apesar da autora afirmar que estudos sobre o tema específico da violência não serem comuns em sua época, isso não reflete a maneira geral a situação sobre como o tema é tratado, basta uma rápida consulta para se deparar com um grande universo de estudos sobre a violência, tão cheio de subtemas quanto de autores e eles vão crescendo a cada dia mais, certo seria afirmar que sobre a relação Poder-Violência há realmente poucos estudos.

Casos de estudo sobre atavismo, estado de natureza, briga de animais, rituais sacrificiais, o entendimento do crime para sociedades afastadas, os suplícios aplicado ao corpo do criminoso, violência contra a mulher, violência simbólica, a utilização do capital para oprimir

minorias, a utilização do medo para incitar o investimento em medidas de segurança privadas, até a evolução técnica dos meios de perpetrar a agressividade, todas em comum, a violência perpassa por todos esses assuntos (mesmo que não seja o foco principal) e vemos como ela está presente em diferentes áreas do saber, em diferentes níveis e momentos da nossa vida.

Arendt faz questão de deixar claro como o poder é gerado, uma união dos indivíduos que partilham desejos em comum e quanto mantiverem essa união, o poder continua acontecendo, ele possibilita o agir e pensar para a formação da sociedade, como por exemplo uma forma, é o poder que possibilita a sociedade existir, , ou menos, o poder é o que permite a sociedade poder pensar em meios e fins, ele é um absoluto e nada mais é necessário além da união) para acontecer, diferente por exemplo do que pensa Marx e Weber, onde a estrutura do poder é sustentada por outras estruturas (como economia e violência), o que não condiz com o que foi explicitado até agora.

Marx e Weber sustentam que o meio social é mantido por outras estruturas (principalmente violência) chegam de alguma forma a enaltecer seu uso, ela é a única ferramenta de libertação (se lembrarmos de Sartre e Fanon), os oprimidos não tem escolha a não ser utilizar as armas dos opressores, apesar disso em si não ser um problema, pois algumas situações apenas podem ser resolvidas em uma inevitável explosão de violência, não deveriam entoá-la e nem fazer dessa seu pilar central, pois como antes, utilizar a violência nos oprimidos é fazê-los sonhar em cometer os mesmos atos de violência em um ato cíclico.

A diferença entre as teorias de Hannah Arendt, Marx e Weber está exatamente na objetividade que cada um dos autores dará ao Estado, ou melhor, na estrutura que faz algo como o Estado surgir, Marx e Weber acreditam em um fim para sua existência, no caso de Marx serviria para oprimir uma determinada classe, para Weber, manter a ordem social e a prosperidade, diferente do que foi mostrado e repetido sobre o objetivo do Estado arendtiano, ele simplesmente não o tem. Para Arendt poder e violência andam juntos, e de tanto aparecerem juntos causam confusão a ponto de muitos acharem que são a mesma coisa, porém não são, onde um cresce, o outro diminui, e a sociedade fica em risco.

A forma que a violência aparece nos livros (consultados) da autora é de forma instrumental, há uma ferramenta que serve apenas para a violência, e essa é utilizada, seja para garantir a ordem ou qualquer outro fim estipulado por quem controla essa ferramenta (normalmente o governo), o ponto é que o pilar do Estado não pode estar localizado nesses instrumentos de violência, assim colocando o poder em risco e desestruturando a sociedade.

A ciência é vista de forma totalmente negativa, pois o progresso da ciência significa o progresso das armas de destruição em massa. Não há dúvidas que o refinamento da técnica é

muito favorável aos humanos, mesmo assim o desenvolvimento da tecnociência aumenta ainda mais e diversifica a potência das bombas que são fabricadas, e cada dia mais formas mais variadas de violência são criadas, não podemos cair na mesma armadilha que caiu Engels, ao pensar que o fuzil de seu tempo era a arma mais sofisticada que teria, e que a partir dela todos os outros artefatos seriam obsoletos, algo que podemos aprender vendo a evolução dos artefatos de guerra é que a engenhosidade e criatividade do ser humano para a agressão não tem limites.

Tudo isso se agrava quando a burocracia entra em cena, ela traz (além de outras funcionalidades) uma impessoalidade as tarefas, que causa um afastamento emocional do agente, permitindo a execução de barbáries sem a menor reflexão. Ela (a burocracia) serve para agilizar e dar uniformidade as funções administrativas, porém não podemos perder do horizonte o porquê dela existir, o melhoramento da vida humana, seja de maneira direta ou indireta.

Ao final do trabalho vemos que sim há uma grande diferença sobre o que os autores entendem e elaboram sobre poder e violência, colocando uma certa hegemonia no modo de entender o Estado, principalmente quando reduzimos a leitura para Marx e Weber, porém Arendt nos dá um novo caminho de pensamento, caminho esse que coloca a violência em segundo plano, e quem sabe, se não é esse tipo de pensamento que precisamos nesses tempos sombrios.

6 REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- ARENDT, Hannah. **The Human Condition**. Chicago: University of Chicago, 1998.
- ARENDT, Hannah. **The Portable Hannah Arendt**. Penguin books, New York, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie: escritos escolhidos**. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política volume 1**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. **Ensaio Ética e Violência**. *Revista Teoria e Debate*, ano 11, n. 39, 1998. Disponível em: < <https://teoriaedebate.org.br/1998/10/01/etica-e-violencia/> > acesso em: 11/05/2017.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. S.l: s.n.1832.
- CONSTANT, Benjamin. **Da Liberdade dos Antigos Comparada a dos Modernos**. *Revista Filosofia Política* no. 2, 1985.
- D'ENTREVES, Alexander Passerin. **The Notion of the State: An Introduction to Political Theory**. Oxford University Press, Ely House, London W.i, 1969.
- ECO, Umberto. **Como se Faz Uma Tese**. Lisboa: Editorial Presença, 2007.
- ENGELS, Friedrich. **Anti-Düring**. Ed. Ridendo Castigat Mores, 1875.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Editora Civilização Brasileira S. A: RIO DE JANEIRO.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis, Vozes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto. Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GALIMBERTI, Umberto. **O Ser Humano na Era da Técnica**. Cadernos IHU ideias, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. **O Estado-nação e a Violência: Segundo Volume de uma Crítica Contemporânea ao Materialismo Histórico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

GIRARD, René. **A Violência e o Sagrado**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

GRAY, John. **Cachorros de Palha: Reflexões Sobre Humanos e Outros Animais**. Editora Record: Rio de Janeiro, 2005.

HEILBORN, Maria Luiza; ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andreia (Orgs). **Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça: GPP – GeR: módulo II**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

HOBBS, Thomas. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LOMBOSO, Cesare. **O homem Delinquente**. São Paulo: Ícone, 2007.

MACIVER, Robert Morrison. **The Modern State**. Ed. Oxford University Press, 1928.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Crime e Costume na Sociedade Selvagem**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política, livro 1: O processo de Produção do Capital**. São Paulo: Boitempo editorial, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Lisboa: Editorial Avante, 1997.

MODENA, Maura Regina (org.). **Conceitos e Formas de Violência**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. **Um Toque de Clássicos**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a Literatura?**. São Paulo: Ática, 1989.

SCRUTON, Roger. **O que é Conservadorismo**. São Paulo: É Realizações, 2015.

SOREL, Georges. **Reflections on Violence**. Cambridge University Press, 1999.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC editora, 1982.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência**. São Paulo: Boitempo, 2014.